

# financeiro



arevistado crédito

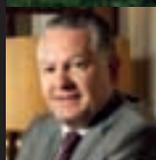
edição  
72  
dez  
jan



## Tacada certeira

EM MOMENTO DE CAUTELA,  
ESPECIALISTAS LANÇAM  
SUAS EXPECTATIVAS PARA O  
MERCADO DE CRÉDITO EM 2012

**PÁGINAS AZUIS** AMARO GOMES, DO IASB, FALA SOBRE OS  
ENTRAVES DAS NORMAS INTERNACIONAIS DE CONTABILIDADE



# DESCUBRA O PODER DO PRÉ-PAGO!



## Cartão Pré-Pago PanAmericano MasterCard®

Com o cartão Pré-Pago PanAmericano MasterCard®, você tem em mãos um meio de pagamento repleto de vantagens. É ideal para ser usado em viagens nacionais e internacionais, compras pela internet e até mesmo pagar pequenas despesas domésticas. Confira abaixo:

-  **COMODIDADE:** você pode transferir<sup>2</sup> valores do seu cartão Pré-Pago para outro cartão Pré-Pago pelo celular ou internet.
-  **PRATICIDADE:** recarregue<sup>3</sup> seu cartão facilmente nas casas Lotéricas da CAIXA ou por boleto bancário em qualquer banco.
-  **CONVENIÊNCIA:** você pode usar o cartão Pré-Pago PanAmericano em milhares de estabelecimentos que aceitam MasterCard®.
-  **SEGURANÇA:** você não precisa andar com dinheiro no bolso. Carregue<sup>3</sup> o seu cartão com o valor que quiser e em caso de perda ou roubo, basta cancelar. Controle suas transações pelo celular ou pelo site com uso de senha pessoal.

Acesse [www.prepagopanamericano.com.br](http://www.prepagopanamericano.com.br) e saiba mais.

 PanAmericano

# conteúdo financeiro

# 14

# 42



# 28

# 18

## 6 Páginas Azuis

Na entrevista do mês, Amaro Gomes, representante brasileiro do International Accounting Standards Board (IASB), fala sobre o processo de adoção do International Financial Reporting Standards (IFRS) no País

## 14 Capa Crédito

Especialistas discutem os rumos da atividade em 2012

## 18 Mercado de Capitais

Baixa renda começa a investir em ações

## 28 Happy Hour

Em temporada de férias, Hotel Sant'Anna é refúgio para quem busca jogar golfe e relaxar

## 36 Entrevista

Gilberto do Amaral, presidente do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário

## 42 Especial Microcrédito

Modalidade de empréstimo avança no País

## 48 Educação Financeira

Portal da Febraban atinge 5 milhões de acessos

## 52 Tecnologia

Aplicativos de celulares possibilitam controle das finanças em tempo real

## 60 Cultura

Obra sobre o Banco Central do Brasil revela o lado político da instituição na visão do especialista Eduardo Raposo (IBPT)

## artigos

31 **Almir Lima** Estratégia

35 **Daniel Calil** Marketing

58 **Carlos Thadeu de Freitas Gomes** Cenário

64 **Alberto Borges Matias** Análise e Perspectivas

66 **Nicola Tingas** Última Palavra



## financeiro

ISSN 1809-8843

PUBLICAÇÃO DA ACREFI – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO  
RUA LÍBERO BADARÓ, 425 – 28º ANDAR – SÃO PAULO – SP  
TEL: (11) 3107-7177 FAX: (11) 3106-6082 – WWW.ACREFI.ORG.BR

### PRESIDENTE

Érico Sodré Quirino Ferreira

### VICE-PRESIDENTES

Marcio Ronconi de Oliveira, Luis Otavio Matias, Aquiles Leonardo Diniz,  
Mauro Roberto Vasconcellos Gouvêa, Bartholomeu Ribeiro e Ricardo Annes Guimarães

### SECRETÁRIOS

Paulo Tabaquim e Sérgio Marra Pereira Capella

### TESOUREIROS

Cláudio Messias Ferro e Marcus André de Oliveira

### DIRETORES REGIONAIS

Athaide Vieira dos Santos, Carlos Alberto Samogim, Elcio Antonio de Azevedo, Felicitas Renner, José Antonio Rodrigues, Francisco Sotero Rosas Neto,  
Marcos Etchegeyren, Leonardo Marcondes Dadalto, Paulo Henrique Pentagna Guimarães e Pedro Costa Carvalho

### DIRETORES-EXECUTIVOS

Morris Dayan, Sandro Alexandre de Almeida, Edson Froes Castilho, Felipe César Rodrigues Ferreira, Laurent Thong Vanh,  
Luis Felix Cardamone Neto, Rubens Bution e Leonel Dias de Andrade Neto

### DIRETORES CONSELHEIROS

Eduardo Tavares Nobre Varella, Elcio Jorge dos Santos, Giovanni Cataldi Neto, Paulo Sérgio Borsatto,  
Nelson Aguiar Junior e Joelcyr Carmello Filho

### CONSELHO CONSULTIVO

Membros Natos: Alkindar de Toledo Ramos, Manoel de Oliveira Franco e Ricardo Malcon  
Membros: Alencar Burti, Ricardo Loureiro, Jorge Hilário Gouveia Vieira, Luiz Horácio da Silva Montenegro, Miguel José Ribeiro de Oliveira,  
Sergio Antonio Reze e Ilidio Gonçalves dos Santos

### CONSELHO FISCAL

Efetivos: Domingos Spina, Edson Ueda, David Figueiredo  
Suplentes: Elpidio Hoffmann, Maria Madalena Américo Marinho e Gilson de Oliveira Carvalho

### DIRETOR SUPERINTENDENTE

Antônio Augusto de Almeida Leite (Pancho)

### CONTROLLER

Carlos Alberto Marcondes Machado

### ECONOMISTA-CHEFE

Nicola Tingas

### CONSULTORA JURÍDICA

Celi Gabriel Ferreira

### AUDITORIA

KPMG

### ASSESSORIA DE IMPRENSA

Tamer Comunicação Empresarial



RUA NOVO HORIZONTE, 311 – PACAEMBU – SÃO PAULO – SP  
TEL.: (11) 3125-2244 – CEP 01244-020 – WWW.GPADRAO.COM.BR

### PUBLISHER

Roberto Meir

### REDAÇÃO

EDITORA-EXECUTIVA

Giseli Cabrini

EDITORA-ASSISTENTE

Juliana Jadon

### REPORTAGEM

Flávia Corbó, Mariana Congo, Paulo Gratão e Raquel Sena

### FOTOGRAFIA

Douglas Luccena

### ARTE

EDITORA DE ARTE Marina Martins

Diagramadores Carlos Borges, Érika Bernal e Marcelo Killhian

Pré-Impressão Alexandre Lima

REVISORA Dora Wild

### PUBLICIDADE

DIRETORA COMERCIAL – Fabiana Zuanon – fzuanon@gpadrao.com.br

GERENTE COMERCIAL – Marco Góes – mgoes@gpadrao.com.br

GERENTE DE NEGÓCIOS – Adriana Próspero – aprospero@gpadrao.com.br

IMPRESSÃO – IBEP Gráfica Ltda.



turbulência econômica que abala principalmente os países mais ricos é fortemente fiscal. Os governos desses países não fizeram a lição de casa que tanto recomendaram às nações mais pobres e, sob o impacto da crise de 2008, abriram seus cofres muito além do que podiam sob a alegação de que era preciso evitar “o mal maior” (ou seja, que a crise se agravasse ainda mais). Como resultado, países antes considerados “grandes demais para quebrar” estão à míngua, levando incerteza sobre seu futuro a toda a economia mundial.

Trata-se de um cenário impensável há poucos anos, mas que se mostra cada vez mais presente. E que leva, entre outros pontos, a refletir: o que é possível fazer para evitar que a situação se repita no futuro? Como ideia, é possível pensar em dez regras básicas que, se seguidas, reduziriam muito a possibilidade da eclosão de uma nova hecatombe financeira. São os “10 Mandamentos” que deveriam ser seguidos pelos governantes de todos os países com extremo rigor e por um longo período. Eles seriam o farol que guiaria toda a sociedade e que nos colocaria longe de novas crises.

Os “10 Mandamentos” seguiriam a seguinte linha:

- 1 - Manterás o controle fiscal:** por mais difícil que seja, é preciso respeitar a regra básica de não se exceder em gastos e tê-los sempre em linha com a arrecadação.
- 2 - Estabelecerás um sistema tributário eficiente:** não adianta apenas aumentar impostos e tributos. É preciso fazer com que eles se revertam em favor da sociedade que os paga.
- 3 - Respeitarás os contratos:** sem esse respeito, afugenta-se o investimento.

## Os 10 Mandamentos do Século

**4 - Manterás os pilares da democracia:** não se pode deixar de preservar os poderes que estão entre os três principais pilares da democracia (Executivo, Legislativo e Judiciário).

**5 - Não esquecerás da educação:** educação é a base de tudo. Sem ela, não há como ter um país (e um mundo) mais rico e justo.

**6 - Investirás sempre em saúde:** sem recursos maciços em saúde nenhuma sociedade pode almejar um futuro melhor para as próximas gerações.

**7 - Darás prioridade à Previdência,** levando em conta o envelhecimento da população: problema mundial, a Previdência precisa ser gerenciada à luz da nova realidade demográfica, com ações que a serem adotadas de imediato.

**8 - Preservarás a credibilidade:** devem ser escolhidos sempre ministros técnicos em vez de políticos nas áreas técnicas.

**9 - Adotarás políticas de distribuição de renda:** sociedades com grandes disparidades de renda não crescem de verdade e nem têm condições de ajudar o crescimento global.

**10 - Não protegerás e/ou elegerás grupos vencedores/consolidadores:** deve-se incentivar sempre o livre exercício da concorrência sempre em benefício da população, que assim pode ter acesso irrestrito a produtos de melhor qualidade e com melhor preço.

Válidos para todo o mundo, os “mandamentos” também deverão ser seguidos, obviamente, pelo Brasil. É forçoso reconhecer que nosso país já avançou nos últimos anos. Mas também não se pode esquecer que ainda temos muito a fazer em relação a várias “regras de ouro”. E essas ações devem começar de imediato em nosso país, para evitar que fiquemos mais uma vez a reboque de outras nações – o que não seria positivo para ninguém.



**Érico Sodré Quirino Ferreira**  
Presidente da Acrefi



“Nós, brasileiros, temos uma capacidade de adaptação invejável que, conjugada à criatividade, disposição para discutir novas ideias e busca por desafios, nos torna um exemplo para muitos”

Amaro Gomes, do Iasb

# Pelo fim da torre de Babel

Amaro Gomes representa o Brasil no International Accounting Standards Board (Iasb), órgão responsável pelas normas internacionais de contabilidade, conhecidas no mercado pela sigla IFRS. Em entrevista exclusiva ele avalia o processo de adoção dessas regras pelas empresas que atuam no País

**Por Eliana Nigro**  
colaborou Giseli Cabrini

**Segundo o Antigo Testamento, no livro de Gênesis descendentes de Noé resolveram**

**construir uma torre na Babilônia com a intenção de eternizar seus nomes.** A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Tal soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra.

A exemplo do que ocorreu com a torre de Babel, os diferentes padrões de contabilidade adotados pelos países dificultavam o entendimento no mercado financeiro, antes mesmo de a crise financeira internacional, iniciada em 2008, tornar latente a necessidade de transparência.

Diante disso, foi criado o modelo International Financial Reporting Standards (IFRS), que estabeleceu normas internacionais de contabilidade. O zelador desse conjunto de regras é o International Accounting Standards Board (Iasb), órgão do qual faz parte o brasileiro, Amaro Luiz de Oliveira Gomes.

Desde julho de 2009, Gomes integra o board do Iasb. Conhecido no mercado, o executivo trabalhou de 1992 a 2009 no Banco Central do Brasil (BCB). No período em que esteve na autoridade monetária financeira, Gomes foi chefe do Departamento de Normas do Sistema Financeiro (Denor) e representou

a instituição na Comissão do Sistema Financeiro do SGT-4 (Mercosul) e em grupos de trabalho no Comitê de Supervisão Bancária de Basileia, com destaque para o Policy Development Group e o Accounting Task Force.

Foi também auditor da PricewaterhouseCoopers, de 1986 a 1992. Obteve o mestrado em contabilidade e finanças pela Universidade de Lancaster, Inglaterra, em 1998. Foi professor-colaborador da Universidade de Brasília (UnB) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), de 1993 até 2006. Amaro é coautor do livro "Contabilidade para Instituições Financeiras", da Editora Atlas.

Em entrevista exclusiva à revista *Financeiro*, o executivo fala sobre o processo de adoção das regras do IFRS pelas empresas que atuam no Brasil. Gomes detalha implicações, dificuldades e eventuais vantagens do País diante das regras. Confira.

**REVISTA FINANCEIRO** COMO AVALIA A MUDANÇA DE CULTURA NECESSÁRIA ÀS EMPRESAS BRASILEIRAS PARA SE ADAPTAREM AO INTERNATIONAL FINANCIAL REPORTING STANDARDS (IFRS)?

**AMARO GOMES** Nós, brasileiros, temos uma capacidade de adaptação invejável, que conjugada à criatividade, disposição para discutir novas ideias e busca por desafios nos torna um exemplo para muitos. E nesse particular eu destaco a adoção das Normas Internacionais de Informação Financeira (NIIFs). Obviamente, há a necessidade de mudança de cultura, que acredito ser benéfica no longo prazo. Avalio que os desafios são identificados no decorrer desse processo, destacando-se a necessidade de capacitação e aprimoramento educacional, em um primeiro momento. E, posteriormente, a aplicação consistente dessas normas.

**FINANCEIRO** QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE O FATO DE O MERCADO EXIGIR QUE AS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS DE TODAS AS EMPRESAS DO PAÍS, INCLUSIVE AS DO CHAMADO SEGMENTO EMPREENDEDOR (FORMADO POR PEQUENAS, MÉDIAS E ATÉ GRANDES CORPORAÇÕES AINDA NÃO RECONHECIDAS COMO TAL), PASSEM A TER O IFRS COMO REFERÊNCIA?

**GOMES** No que respeita à adoção das NIIF, o Brasil se destaca no ambiente global, principalmente, em decorrência do comprometimento do governo federal, empresários, contadores, auditores, academia, analistas, Bolsa de Valores, companhias abertas, reguladores e supervisores. Elaborar demonstrações financeiras de acordo com as NIIF em todos os níveis facilita o processo de capacitação e o acesso a capital e investidores internacionais, tais como fundos de private equity, que demandam informações comparáveis, de alta qualidade. É uma decisão estratégica que acredito que se torne positiva no médio e longo prazo.

**FINANCEIRO** QUAL SERIA, DE ACORDO COM A SUA AVALIAÇÃO, A SOLUÇÃO PARA QUE OS FUNCIONÁRIOS DAS EMPRESAS APRENDAM O IFRS NESTA FASE DE TRANSIÇÃO EM QUE SE REALIZA A CONVERGÊNCIA DAS NORMAS CONTÁBEIS? O E-LEARNING SERIA UMA ALTERNATIVA?

**GOMES** Todas as alternativas são bem-vindas e válidas. O importante é dedicar-se ao tema. Não há outra forma senão a leitura, o envolvimento no processo de desenvolvimento das NIIF e a participação em projetos de adoção da norma. Cursos de graduação com nova estrutura, publicação de livros incorporando essas regras, cursos de especialização e, o mais recente, certificação em NIIF. Nesse quesito, não há segredo: dedicação, estudo e disciplina, conjugados à experiência prática de adoção de normas.

**FINANCEIRO** COMENTE O FATO DE QUE A ADEQUAÇÃO DA CONTABILIDADE BRASILEIRA ÀS NORMAS INTERNA-

CIONAIS DE CONTABILIDADE IMPLIQUE NECESSIDADE DE AS EMPRESAS DO PAÍS INVESTIREM MAIS EM TRANSPARÊNCIA E GOVERNANÇA CORPORATIVA, ALÉM DE BUSCAR ALTERNATIVAS TECNOLÓGICAS PARA O AUMENTO DA FISCALIZAÇÃO DOS TRIBUTOS.

**GOMES** O primeiro estágio nesse processo foi concluído com a divulgação de demonstrações financeiras relativas à data-base de 31 de dezembro de 2010, elaboradas de acordo com a NIIF (IFRS). Agora vislumbro um período de avaliação desse processo, tais como o nível e detalhamento de notas explicativas para avançarmos rumo à fase de consolidação. No ambiente econômico presente, transparência e elevados padrões de governança corporativa são requisitos fundamentais para captar recursos e viabilizar a continuidade dos negócios no longo prazo.

**FINANCEIRO** O SENHOR ACREDITA QUE, COM A FACILITAÇÃO DA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES SOBRE A REAL SITUAÇÃO DAS COMPANHIAS, O IFRS VALORIZA A EMPRESA COM SUAS NORMAS E PROCEDIMENTOS AJUDANDO, ASSIM, NA ADMINISTRAÇÃO DAS EMPRESAS? POR QUÊ?

**GOMES** Acredito que informação de alta qualidade, aliada à transparência, atende uma demanda dos investidores e deve ser utilizada no processo de tomada de decisões interno, com os necessários complementos e ajustes voltados à necessidade gerencial. Obviamente, o desafio é proporcional ao porte das organizações e ao nível de sofisticação dos sistemas de informação adotados. **fi**



“No ambiente econômico presente, transparência e elevados padrões de governança corporativa são requisitos fundamentais”



**BANCOS**

**Bradesco é marca mais valiosa do Brasil**

Pelo sexto ano consecutivo, o Bradesco conquista o título de marca mais valiosa do Brasil, com um valor estimado em R\$ 31,2 bilhões. O dado é do levantamento da Brand Finance/Superbrands, que lista as 130 maiores marcas brasileiras. A instituição financeira é seguida pelo Itaú (R\$ 27,7 bilhões) e pelo Banco do Brasil (R\$ 15,9 bilhões).

**BANCARIZAÇÃO**

**Banco do Brasil anuncia agência na Rocinha**

O Banco do Brasil (BB) informou que vai inaugurar uma nova agência na comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro. O espaço físico em fase final de reforma contará com equipe formada por um gerente e dez funcionários. "A intenção é acompanhar a maturidade econômica da comunidade da Rocinha, apoiando o seu desenvolvimento", disse Hideraldo Dwight, gerente da unidade de canais da instituição. Em 2011, o Banco inaugurou agências no Complexo do Alemão e na Cidade de Deus, também na cidade carioca. A atuação nas comunidades mostra vocação para utilização de linhas de microcrédito produtivo orientado e para projetos de desenvolvimento regional sustentável. Até o final de 2012, o Banco do Brasil irá inaugurar 74 novas agências no Rio de Janeiro.

**COMÉRCIO ELETRÔNICO**

**Aumenta o número de pessoas que compram pela internet**

Os sites de comércio eletrônico chegaram a 32,3 milhões de usuários únicos em outubro, segundo dados do instituto Ibope Nielsen. O maior aumento ocorreu nas lojas de varejo, que atingiram 27,5 milhões de pessoas, ou 58,8% do total de usuários ativos do mês. Sites de lojas de calçados, roupas e outros acessórios de moda estiveram entre os principais responsáveis pelo aumento da navegação no comércio eletrônico em outubro. Nesse mês, 10,5 milhões de pessoas navegaram nas dez maiores lojas online de calçados.



**ENDIVIDAMENTO**

**Montante é menor desde outubro de 2009**

Pesquisa da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio) mostra que 41% das famílias paulistanas estão endividadas em novembro. O percentual é o menor desde outubro de 2009, quando a pesquisa registrou 40,9%. Segundo o levantamento, apenas 8% das famílias que moram em São Paulo estão com as contas atrasadas este mês, o mais baixo resultado da série histórica, iniciada em fevereiro de 2004. Em relação a outubro, a queda é de 2,8 pontos percentuais.

**ECONOMIA**

**Balança comercial tem superávit de US\$ 583 milhões**

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), o superávit comercial caiu para US\$ 583 milhões em novembro. O montante representa uma forte queda, já que em outubro, o saldo havia sido de US\$ 2,355 bilhões. No mês passado, as exportações ficaram em US\$ 21,7 bilhões, com média por dia útil de US\$ 1,088 bilhão, redução de 1,7% em relação a outubro e alta de 23,1% ante o mesmo mês de 2010.

## EMPRÉSTIMOS

# Consumidor está mais consciente



Pela primeira vez, o consumidor leva a taxa de juros em consideração na hora de escolher a modalidade de crédito. Foi o que constatou a sétima edição da pesquisa “A voz do consumidor”, feita pelo Instituto Geoc em parceria com a Serasa Experian. O levantamento aponta que 64% dos mil entrevistados colocam o juro como o primeiro ponto avaliado antes de contratar um empréstimo. Para o vice-presidente do iGeoc, Carlos Zanchi, “esse é um sinal de que o brasileiro está mais consciente além de um reflexo do movimento de educação financeira do consumidor”.

Atualmente, 42 milhões de CPFs possuem algum tipo de restrição no Brasil, segundo a Serasa Experian. O montante representa 42% da população economicamente ativa. Dos endividados, 57% possuem mais de um credor. E o iGeoc aponta que existe um gargalo: 25% dos disseram não ter sido avisados da dívida e 40% não sabem o valor total das contas ou parcelas pendentes.

Na hora de honrar as dívidas, o cliente prioriza o banco (55%) e depois o varejo (35%). Nessa negociação, 66% pedem desconto, 34% quitam os valores porque querem limpar o nome, 10% procuram evitar protesto judicial e apenas 6% querem ficar livres das dívidas. A íntegra da pesquisa “A Voz do Consumidor” está disponível no site do Instituto Geoc ([www.igeoc.org.br](http://www.igeoc.org.br)).

## CARTÕES

# Nordeste é líder em clientes com primeiro cartão de crédito



O Nordeste superou o Sudeste no número de consumidores com o primeiro cartão de crédito no Brasil, aponta a Serasa Experian.

A região concentra hoje 43% das novas adesões de todo o País, enquanto que o Sudeste responde por 36%.

Em 2009, a situação era inversa: 48,28% eram do Sudeste e 29,31%, do Nordeste.

A maioria dos novos clientes é de jovens trabalhadores de baixa renda com pouca qualificação e estudantes de periferia e famílias que recebem assistência do Estado. Em 2009, 21,75% do total de solicitantes de cartões no Brasil pertencia a esse segmento. Em 2011, essa porcentagem chegou a 25,54%.

Para fazer o mapeamento, a Serasa Experian usou informações de 300 mil CPFs e fez comparativos entre os primeiros trimestres de 2009, 2010 e 2011. Os números revelaram ainda um crescimento de adesões na classe E. No primeiro trimestre de 2009, 52% do total dos solicitantes pertencia a esse grupo social. Em 2010, esse número cresceu para 54,8% e, em 2011, para 58,5%.



# 19

é o número de novos milionários brasileiros a cada dia. O Brasil conta com 137 mil milionários e cerca de 30 bilionários. A tendência de novos-ricos deve continuar por mais três anos



# 55%

dos brasileiros que possuem algum tipo de cartão preferem fazer compras com meios eletrônicos de pagamento.

O dado é da Abecs



# 0,4%

foi quanto aumentou a inadimplência das empresas em outubro ante o mês de setembro, aponta a Serasa Experian



# 20

é a porcentagem de crescimento do mercado de luxo no Brasil em 2011, de acordo com a consultoria global Bain & Company

### EDUCAÇÃO FINANCEIRA

## Campanha recebe milhares de interessados em saldar dívidas

A mais recente campanha de incentivo à regularização financeira do consumidor brasileiro, denominada “Acertando suas Contas”, da Boa Vista Serviços, em parceria com Associação Comercial de São Paulo e órgãos públicos, atendeu cerca de 35 mil pessoas. Durante os sete dias de evento no Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, mais de 15 mil consumidores tiveram a oportunidade de renegociar suas pendências financeiras diretamente com o credor.

As empresas participantes ofereceram descontos nos juros e multas que ultrapassaram 60%, além de parcelarem a renegociação em até 40 vezes. Para que o nome livre de restrição seja uma conquista permanente, o público contou ainda com orientações de educação financeira na forma de palestras e a distribuição de mais de 30 mil exemplares da “Cartilha do Orçamento Doméstico”.



### TECNOLOGIA

## Acesso à telefonia móvel cresce 14% no ano

O Brasil fechou outubro de 2011 com mais de 231,6 milhões de acessos na telefonia móvel. Em dez meses, o Serviço Móvel Pessoal (SMP) cresceu 14,14%, registrando quase 28,7 milhões de novas habilitações.

Já a teledensidade alcançou o patamar de 118,62 acessos por cem habitantes, representando alta de 13,32% em 2011. O número absoluto de novas habilitações em dez meses é o maior dos últimos 11 anos. Em outubro, foram quase 4,3 milhões de adesões - crescimento de 1,88% em relação a setembro. É o quarto mês com o maior número de habilitações, atrás apenas dos meses de dezembro de 2010 (5,4 milhões), de 2007 (4,7 milhões) e de 2005 (4,4 milhões).



### INTERNACIONALIZAÇÃO

## Bancos poderão emprestar para empresas brasileiras no exterior

O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou nova resolução que permite aos bancos utilizarem recursos captados no exterior para conceder crédito para empresas brasileiras fora do País. Também poderão ser beneficiadas suas subsidiárias e empresas estrangeiras cujo acionista com maior capital votante seja domiciliado no Brasil.

Essa medida vale para os bancos autorizados a operar no mercado de câmbio, com patrimônio de referência mínimo de R\$ 5 bilhões. As instituições poderão utilizar recursos captados no mercado externo para conceder crédito no exterior. Segundo o comunicado do CMN, o objetivo da medida é usar o crédito externo para facilitar a internacionalização das empresas brasileiras já que fora do País as condições de crédito e de mercado são mais favoráveis.



### INDÚSTRIA

## Atividade paulista cai 0,4% em outubro

Dados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) mostram que o Indicador de Nível de Atividade (INA) da indústria paulista sofreu queda de 0,4% entre os meses de setembro e outubro, na série com ajuste sazonal. No acumulado de 12 meses, o nível de atividade da indústria sem ajuste sazonal foi de 2%. De janeiro a outubro de 2011, o indicador acumula variação positiva de 1,7% em relação ao mesmo período de 2010, descontando o ajuste à sazonalidade.

Dos setores avaliados pela pesquisa destacam-se as perdas no item fabricação de máquinas, aparelhos e matérias eletrônicas, com queda de 1,8% sobre setembro, em termos ajustados.

*Boas Festas*



*A Quality acredita na renovação constante do aprendizado conquistado através do trabalho e dedicação, e deseja à seus clientes e parceiros que os desafios do próximo ano se transformem em oportunidades de crescimento e realizações.*

**Quality**  
Financiamentos.com

**A solução ideal para  
seus financiamentos.**

[www.qualityfinanciamentos.com](http://www.qualityfinanciamentos.com)

Tel/Fax: (11) 4438-0663



# Premissas do novo ano

Com o crédito em crescimento atingindo um patamar de R\$ 470 bilhões em 2011, especialistas abordam o cenário do próximo ano. Diante da crise econômica que se alastra pelo globo e do aumento do consumo das famílias no País, o momento pode ser de cautela para o mercado de crédito

Por Juliana Jadon

## Este ano mais uma vez foi marcado pela expansão do crédito no País.

De acordo com a RC Consultores, em 2011 o crédito à pessoa física deve encerrar o período atingindo um patamar em torno de R\$ 470 bilhões. Essa evolução tem sido sustentada principalmente pela expansão do crédito pessoal (consignado incluído) e do financiamento para a aquisição de veículos. Ambas as modalidades respondem por cerca de 70% da oferta total de crédito ao consumidor brasileiro a qual é complementada ainda pelas modalidades de cartão de crédito e cheque especial.

O principal motor desse dinamismo do crédito no País é o contínuo fortalecimento de seu mercado de trabalho, aponta a RC Consultores. Neste ano, a consultoria acredita que em função da firme elevação do emprego e dos salários, a massa real de rendimento tende a crescer 4,5% sobre 2010, o que evidentemente redobra a confiança das famílias no momento de adquirir um bem ou serviço.

De acordo com Nicola Tingas, economista-chefe da Acrefi, "o Brasil tem sido um dos países com melhor performance de crédito ao consumo nos últimos anos, dada a grande inserção social, mobilizada por programas de incentivo do governo que ajudaram na ampliação da

renda e do emprego, além de uma oferta de crédito que se fez crescente".

Para Ricardo Loureiro, presidente da Serasa Experian, 2011 será mais um ano positivo para o mercado de crédito, a exemplo do que temos presenciado nos últimos anos. Não repetirá os 20% de crescimento de 2010, mas deverá ficar entre 16% e 18% de crescimento anual, o que é bastante favorável, ainda mais se considerado que foi um ano recheado de turbulências externas.

Assim como na análise do mercado em geral, o ano termina bem, mas abre um novo contexto de incertezas, com o processo de desaceleração global em curso e em que o governo deve trabalhar para resgatar a economia.

Mas o que será do próximo ano? O agravamento da crise americana e da própria Grécia já são sinais de contágio global. Além disso, o aumento do consumo exagerado das famílias impulsionou a economia, mas, por outro lado, teve como consequência o crescimento do nível de inadimplência no País. Isso gerou para o sistema um alerta para fazer maior análise no momento de ofertar o crédito. Veja, com exclusividade, o que especialistas do mercado de crédito esperam do próximo ano. ■



“Dois fatores devem preocupar o setor de crédito em 2012: de um lado existe menos funding e os mercados internos estão mais conservadores; de outro ocorre mais exigência de alocação de capital com a implementação de Basileia III. Além disso, os bancos estão mais restritivos na oferta em função da qualidade do tomador. Com o crescimento do endividamento, deixaram os critérios de credit score mais apertados.

O crédito, em 2012, irá crescer, mas não nas taxas anteriores. Macroeconomicamente falando, ao final de 2012 teremos um Brasil mais forte e equilibrado para crescer com consistência em 2013. Esse ano servirá de degrau para a nossa economia.”

Nicola Tingas,  
economista-chefe da Acrefi



“Em 2012, o cenário é positivo, apesar do rápido desaquecimento da economia brasileira observado nos últimos meses, em virtude da elevação do endividamento do consumidor, da desaceleração dos investimentos e do incremento acentuado das importações.

Estima-se que a massa real de rendimento tenha acréscimo de 2,8% em relação a 2011, em resposta ao fôlego que ainda possuem indústria, comércio e serviços, após o início do movimento de redução dos juros, no último mês de agosto. Isso permitirá que os níveis de emprego e de rendimento real registrem incremento de 1,4% e 1,1%, respectivamente (contra algo próximo de 2,1% e 2,4%, em 2011).

Nessas condições, prevê-se que em 2012 o volume de crédito à pessoa física cresça em torno de 17% em relação a 2011, alcançando o patamar de US\$ 548 bilhões. Trata-se, evidentemente, de outro grande salto, mas que exigirá das instituições financeiras maior rigor e controle em suas políticas de concessão de crédito, tendo em vista que os níveis de inadimplência do consumidor apresentam tendência de alta desde meados deste ano.”

**Paulo Rabello de Castro,**  
economista da RC Consultores  
e da SR Rating

A photograph of Ricardo Loureiro, president of Serasa Experian, smiling. He is wearing a light blue striped shirt and dark jeans. The background is a wall with graffiti in orange and green. The word "Meus" is written in large orange letters, and "VALORES" is written below it in smaller orange letters. There are also some green scribbles and a grey shape on the wall.

Meus  
VALORES

“Para 2012 esperamos um crescimento mais moderado do crédito, na casa dos 15% anuais, montante saudável já que a capacidade de pagamento dos brasileiros não cresce acima disso. Para os negócios, em geral, é melhor um crescimento mais moderado, porém constante, do que altos e baixos voláteis e pouco previsíveis. A inadimplência cresceu em 2011 em função da inflação e dos excessos de 2010, mas os cenários de renda e emprego para 2012 mantêm-se positivos, apesar da desaceleração econômica. Diante disso, as oportunidades para o mercado de crédito de cobrança em 2012 são promissoras.

No entanto, é preciso ter em mente que o ciclo econômico é inerente ao capitalismo e, nesse sentido, quando se fala em oferta de crédito, a prudência tem de estar sempre presente. Deveremos observar um salto de qualidade no mercado de crédito com a disseminação do Cadastro Positivo. Temos relatos de empresas do sistema financeiro que já se preparam para reduzir os juros para os bons pagadores com base nas informações positivas. Creio que, a partir de 2012, histórias como essas serão cada vez mais frequentes.”

Ricardo Loureiro,  
presidente da Serasa Experian

Participar de um clube de investimentos ou contratar uma corretora que administre a quantia a ser aplicada é alternativa para quem quer adentrar ao mercado de capitais com poucos recursos

# Primeiros investimentos

Por Juliana Jadon

## **Roupas, sapatos, saídas com os amigos para restaurantes e bares.**

Esses e muitos outros itens há dois anos atraíam Ida Kazue para gastar descontroladamente todo o dinheiro que via pela frente. Ela tinha compulsão por comprar. Achava bonita uma bolsa exposta na vitrine de uma loja no shopping e pronto: bastava isso para adquirir o item e, quem sabe, mais alguns outros. Por sorte, a vida financeira de Ida mudou para melhor no início de 2010. Um amigo a apresentou para um consultor de investimentos da Geração

Futuro Corretora de Valores, que a incentivou a destinar parte do salário a fundos de renda variável.

Ida, naquele momento, passou a fazer parte do grupo de pessoas que pela primeira vez adentra a Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo (BM&FBovespa) sem experiência, mas com a tranquilidade de que será um negócio melhor do que simplesmente guardar o dinheiro na poupança e esperar render. Quem, como Ida, dá os primeiros passos rumo ao mercado de capitais normalmente





opta por participar de um clube de investimentos – onde é possível reunir amigos e parentes para aplicar em conjunto - ou coloca determinada quantia nas mãos de um consultor de investimentos que atua em uma corretora de valores, apto a administrar o dinheiro com maior segurança.

Apesar da crise global, ainda há muita gente querendo investir em ações. Somente os clubes de investimentos representavam R\$ 8,7 bilhões em patrimônio líquido na

BM&FBovespa em setembro de 2011 – dado mais recente divulgado pela Bolsa de Valores. No início do ano, a Bolsa contava com 600 mil investidores individuais, assim como Ida.

Com um intenso projeto de popularização do mercado de ações, lançado em 2002 para criar a cultura desse tipo de investimento no Brasil, a BM&FBovespa pretende elevar a cada ano o número de investidores pessoa física - eram apenas 85 mil deles em 2002 – e alcançar até 2015 um total de cinco milhões de contas de brasileiros em corretoras em todo o País, os chamados cotistas.

Hoje, com 26 anos, Ida conta que investiu inicialmente R\$ 2 mil e que, atualmente, destina cerca de 15% do salário para as aplicações. O segredo para não gastá-lo é transferi-lo ao destino “rendimento” logo que cai na conta corrente. A perspectiva é de que dentro de dois anos ela tenha alcançado a quantia que almeja guardar. “Esse é o

## Em setembro deste ano, somente os clubes de investimentos representavam R\$ 8,7 bilhões em patrimônio líquido na BM&FBovespa

tempo mínimo que se leva para ter algum retorno. Essa modalidade de investimento é boa principalmente para quem não sabe trabalhar com dinheiro”, afirma ela, já com certo entendimento sobre o mercado de capitais.

Quando se entra para um clube de investimentos ou para uma corretora a pessoa assina um contrato sinalizando o perfil de investidor que deseja ser. A partir daí, o trabalho é feito. O investimento pode ser diversificado entre renda variável (ações) ou fixa, de acordo com o nível de risco que a pessoa opta por fazer seu dinheiro correr. Ida é do tipo conservadora e suas aplicações estão mais concentradas em renda fixa do que variável.

No mercado de capitais, quanto maior o risco assumido, mais prováveis as chances de gordas rentabilidades, mas, em contrapartida, a possibilidade de perda também é maior. “Normalmente uma entrevista é



suficiente para encontrar o perfil de quem vai investir”, conta José Geraldo de Mello, professor da Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).

Para acompanhar o andamento das negociações, o participante do clube de investimentos recebe um extrato semelhante ao bancário com toda a movimentação. O documento contém informações como o valor do patrimônio, o número e o preço das cotas, o rendimento no período e a participação do acionista no total. Outro ponto positivo é que não há burocracia para sair do clube. Basta o participante querer.

Ida também acompanha uma planilha semelhante feita pelo seu consultor de investimentos. Para ela, investir foi a solução dos gastos exorbitantes, além de uma escola sobre o mercado de capitais. No entanto, Mello alerta: em uma época de incertezas e crise financeira

**BM&FBovespa  
pretende  
alcançar até  
2015 um total  
de 5 milhões  
de investidores  
pessoa física**

global como a que passamos talvez não seja a melhor fase para arriscar. “O momento é de aversão ao risco. O segredo é diversificar os investimentos e pensar no longo prazo. Assim, ocorre à pulverização de risco em diferentes ações”, lembra o especialista. **f**

## Conheça as vantagens dos clubes de investimentos

**Custo mais baixo** Com menos exigências de controles, os custos dos clubes são reduzidos em comparação com ouros fundos. A manutenção também é simples.

**Acessibilidade** Os participantes de um clube de investimentos possuem a mesma possibilidade de comprar e vender ações. O número mínimo de participantes é três e o máximo é 50.

**Diversificação** Com um volume maior, originado pela soma de recursos de cada integrante do clube, é possível variar a aplicação, investindo em empresas de diferentes setores da economia, com custos de transação proporcionalmente menores.

**Participação direta** Permite, em princípio, que os envolvidos participem diretamente da gestão. Embora isso demande tempo e exija uma certa disciplina, constitui uma boa forma de aprender como funciona o mercado.

# SUA EMPRESA PODE FINANCIAR A CONSTRUÇÃO DO NOSSO NOVO HOSPITAL



## E NÃO VAI CUSTAR NADA

Um centro de referência no tratamento, ensino e pesquisa do câncer infantil, o GRAACC está ampliando seu hospital. Empresas podem destinar ao projeto até 1% do Imposto de Renda Devido e ajudar na busca da cura do câncer. Faça parte desta história.



Conheça mais sobre nosso projeto acessando  
[www.graacc.org.br](http://www.graacc.org.br) ou ligue para (11) 5908-9100.





Por Flávia Corbó

# Muita história na bagagem

Após passar por 13 planos econômicos diferentes e diversas trocas de moeda, a CVC conseguiu se tornar referência em turismo no Brasil. Em 39 anos de existência, 17,5 milhões de passageiros já viajaram pela empresa

**Paralelamente ao crescimento do Grande ABC Paulista, que colhia os frutos da instalação de indústrias e montadoras automobilísticas na região, nasceu uma microempresa, que anos mais tarde viria a ser a maior operadora de turismo da América Latina.** Aproveitando a experiência adquirida como agente de viagem, Guilherme Paulus fundou a CVC em 1972, na cidade de Santo André, ao lado do sócio Carlos Vicente Cerchiarri – que dois anos mais tarde venderia sua parte no negócio.

No início das atividades, eram organizadas excursões rodoviárias de um dia, que atendiam principalmente grupos de trabalhadores das grandes empresas da região. Os negócios prosperaram e, em 1989, a CVC deu entrada no turismo aéreo, por meio de um acordo comercial com a Varig.

Três anos mais tarde, a empresa inovou ao passar a fretar aviões para uso exclusivo de seus clientes. Com a iniciativa até então inédita, inaugurou-se no Brasil o conceito de turismo em massa que previa um mesmo roteiro de viagem para grandes grupos.

Esse pioneirismo da organização pode ser notado em diversas outras frentes. Na esfera da web, a CVC foi a primeira operadora de turismo a inaugurar uma loja virtual, em 2011. Atualmente, a ferramenta já é utilizada por 85% dos clientes. Também pode ser atribuída à empresa boa parte da democratização do turismo, com a iniciativa de permitir o parcelamento dos pacotes de viagem em até dez prestações.

Mas a grande inovação trazida pela CVC foi a instalação de lojas em locais até então inusitados. Nos anos 1990, foram inauguradas as primeiras unidades em



**Valter Patriani, da CVC**  
“Desmistificamos a ideia de que comprar um pacote turístico é um processo demorado e caro”

#### **Venda rápida**

Agência instalada em posto de combustível da zona sul de São Paulo é a mais nova estratégia da CVC

shopping centers e, na década seguinte, em hipermercados. A medida revolucionou o segmento de agências de viagens que, até então, funcionavam somente em prédios e horários comerciais.

Em 2010, a CVC deu mais um importante passo em sua estratégia de crescimento com a inauguração, em São Paulo, da primeira loja em postos de combustíveis. A empresa vê o local como ponto de encontro de pessoas uma vez que muitos possuem ampla estrutura de prestação de serviços, estacionamento gratuito, horário de funcionamento estendido, inclusive aos finais de semana.

“Além de usar o caixa eletrônico, tomar café, comprar jornal e outras tarefas, esse consumidor também poderá adquirir pacotes de viagens”, diz Valter Patriani, consultor extratágico senior do conselho de administração da CVC. E acrescenta: “estamos unindo o nosso conceito de vendas e de atendimento à conveniência de consumir produtos e serviços em locais de fácil acesso para desmistificar a ideia de que comprar um pacote turístico é um processo demorado e caro”. A nova loja está localizada no bairro da Saúde, em São Paulo, próximo ao metrô Praça da Árvore, região bastante valorizada e com público de alto poder aquisitivo.

#### **CVC em números**

Após passar por 13 planos econômicos diferentes e diversas trocas de moeda, a CVC conseguiu se tornar referência em turismo no Brasil. A empresa vende viagens para mais de cem destinos diferentes, em todos os continentes. Presente em 200 cidades, espalhadas nos 27 Estados brasileiros, a organização atua em 700 lojas próprias e oito mil multimarcas. Desde a fundação, 17,5 milhões de passageiros viajaram pela companhia – sendo 2,5 milhões somente em 2010.

A CVC atribui o desempenho ao fato de ter crescido junto com a classe média brasileira. Enquanto nos últimos oito anos, 30 milhões de brasileiros ingressaram no mercado de consumo, e outros 30 milhões devem subir de classe na próxima década, a companhia consegue dobrar o número de vendas a cada cinco anos.

Os números chamaram a atenção de um dos maiores fundos de private equity do mundo, The Carlyle Group, que atua em cerca de 260 empresas ao redor do mundo. Em 2010, a organização adquiriu 63% da CVC, em uma operação que se configurou como a maior negociação do segmento de turismo no Brasil. **f**

benefícios **cartões**

Por Raquel Sena

# Novos



## CBSS investe R\$ 6 milhões no lançamento de nova identidade corporativa e almeja alcançar um terço do mercado de cartões pré-pagos e de câmbio

**A promoção do Brasil como sede dos dois maiores eventos esportivos do mundo – Copa do Mundo e Olimpíada –,** provocou um aquecimento da economia dos Estados e tem gerado uma corrida de muitas empresas que apostam em seu próprio negócio, lançando novos produtos e serviços. É o caso da Alelo, nova administradora de cartões-benefício e pré-pagos do Brasil, que substituiu a marca Companhia Brasileira de Soluções e Serviços (CBSS), conhecida pela gestão dos produtos da Visa Vale.

A diversificação no foco dos negócios marca a nova fase da companhia, que investiu R\$ 6 milhões para mudar de nome, atrair maior visibilidade e lançar novos produtos, como o cartão de câmbio MoneyCard. “A mudança sintetiza o novo momento da companhia, que expande seu negócio no segmento de benefícios e aposta em cartões pré-pagos. Para isso, precisávamos de uma marca forte que promovesse a convivência de múltiplos produtos e representasse os diferenciais e legado da companhia”, afirma Newton Neiva, presidente da Alelo.

O MoneyCard é um cartão pré-pago para saques e compras em moeda estrangeira, aceito em milhares de caixas eletrônicos e estabelecimentos credenciados à rede Visa, presente em mais de 200 países. Foi criado com o objetivo de suprir as necessidades dos turistas que crescem a cada ano. Os gastos dos turistas brasileiros no exterior somam US\$ 12,4 bilhões no primeiro semestre de 2011. Durante o ano de 2010, esses viajantes gastaram US\$ 16,4 bilhões.

**De janeiro a setembro de 2011, os estrangeiros que visitaram o Brasil deixaram US\$ 4,985 bilhões no País, valor 15,55% maior que o obtido no mesmo período do ano passado**

Além de não precisar levar dinheiro em espécie, evitando furto, não há risco de variação cambial nas compras, pois o valor do câmbio é fechado no ato da recarga do cartão e não muda. Além disso, não existe cobrança de IOF para realização de compras e saques no exterior como nos cartões de crédito.

Os cartões podem ser adquiridos nas lojas em casas de câmbio credenciadas a empresa e caso o saldo não seja totalmente utilizado, o cliente tem a opção de solicitar a devolução do dinheiro, guardá-lo carregado para uma próxima viagem (no período de um ano) ou utilizá-lo em qualquer estabelecimento afiliado à rede Visa.

A empresa já disponibilizou 15 mil cartões em dólar e, em dezembro deste ano lançará também as versões em euro, libra e real. Com a moeda brasileira, a companhia

# ares



**Expectativa**  
**Ronaldo**  
**Varela, da**  
**Alelo**

A companhia pretende expandir a marca, especialmente entre as classes emergentes

pretende abocanhar também os turistas estrangeiros no Brasil. No ano passado, mais 5,1 milhões, oriundos da América do Sul (46%), Europa (31%) e América do Norte (15%), estiveram no País. A informação é da pesquisa “Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil”, realizada pelo Ministério do Turismo, em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

Mais dados reforçam a importância desse nicho: de acordo com o Banco Central, de janeiro a setembro de 2011 os estrangeiros que visitaram o Brasil deixaram US\$ 4,985 bilhões no País, valor 15,55% maior que o obtido no mesmo período do ano passado.

As novidades da Alelo não param por aqui. Nos próximos três

anos focará investimentos no desenvolvimento de produtos e soluções para o mercado de meios de pagamentos. Dentre os lançamentos estão os cartões-benefício com a bandeira Elo, com expectativa de lançamento no segundo trimestre de 2012. Além disso, a companhia pretende expandir a marca, especialmente entre as classes emergentes. A ideia é fornecer cartões ligados ao programa Bolsa Família e permitir que a população possa fazer saques e pagamentos com o incentivo recebido do governo.

A empresa soma cerca de 70 mil clientes corporativos, mais de 5,4 milhões de cartões, 34 milhões de transações mensais e 3,2 milhões de usuários dos seus cartões de Refeição, Alimentação, Cesta Alimentação, Natal Alimentação e Flex Car, além do serviço de gestão de vale-transporte. A perspectiva da Alelo é fechar o ano com um faturamento de R\$ 13 bilhões, o que representa um crescimento de 26% comparado a 2010. “Nosso objetivo é alcançar um terço do mercado de cartões pré-pagos e de câmbio, avaliado hoje em cerca de R\$37 bilhões”, almeja Ronaldo Varela, diretor-executivo comercial de marketing, produtos e novos negócios. ■

**Internacional**

A empresa já emitiu 15 mil cartões MoneyCard em dólar e até o começo de 2012 serão lançadas novas versões em euro, libra e real



# Construa sua carreira no setor de crédito

A Bolsa de Empregos Acrefi é uma ferramenta que a Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento coloca à disposição das empresas e dos profissionais do setor, para ampliar e agilizar seu relacionamento no mercado de trabalho.

[www.bolsadeempregos.acrefi.org.br](http://www.bolsadeempregos.acrefi.org.br)



Bolsa de **Empregos**  
Acrefi

 **ACREFI**  
A CASA DO CRÉDITO DESDE 1958



# Descanso na serra

Por Flávia Corbó

Cercado pela Mantiqueira, o Hotel Sant'Anna figura como excelente opção de lazer ao agregar bem-estar, alta gastronomia e golfe

**Horas extras de trabalho. Prazos curtos. Cobrança. Trânsito.**

**Poluição. Estresse.** Há momentos nos quais corpo e mente pedem distância do cotidiano agitado dos grandes centros. E, para isso, nada melhor do que se refugiar em um paraíso construído em meio à região do Circuito das Águas, em Amparo, município a 120 quilômetros da capital paulista. Situado em uma área de mais de 1,5 milhão de metros quadrados, o Hotel Sant'Anna oferece

aos hóspedes inúmeras opções de descanso e diversão, ao combinar golfe, bem-estar e alta gastronomia.

Projetado por Sebastião Neres, o maior especialista brasileiro na construção de campos de golfe, e com paisagismo de Roberto de Sá, o Sant'Anna Golf Club tem nove buracos. Homologado pela Federação Paulista de Golfe, o campo foi construído em meio à mata da Serra da Mantiqueira e seu desenho é cortado por um riacho e três lagos.

“Hoje, 50% dos frequentadores ainda estão aprendendo a jogar. Mas já temos um público fiel, que busca se aperfeiçoar e treinar, semanalmente, para competições. O golfe é uma modalidade esportiva nova no Brasil. No entanto, ele já é o líder como maior país em número de campos, só no Nordeste são quase 17 com obras, em andamento”, diz Eduardo Lippmann, diretor-geral do Hotel Sant'Anna.

Apesar de ser uma maneira de se desligar da rotina estressante, o esporte tem se mostrado uma excelente



### Sofisticação

Projetado por Sebastião Neres e com paisagismo de Roberto de Sá, o Sant'Anna Golf Club tem nove buracos e é homologado pela Federação Paulista de Golfe

forma de networking. Segundo Lippmann, alguns associados do Sant'Anna Golf Club são diretores e presidentes de empresas e o local já foi utilizado em ações de relacionamento corporativo realizadas por bancos. “Cada jogo dura cerca de três horas e nesse tempo o grupo fica junto, conversando e interagindo. O golfe é um esporte que une as pessoas, quebra barreiras naturais,

estreita amizades e traz conhecimento”, afirma.

Para atender às exigências do público corporativo, o campo dispõe de um heliponto, estacionamento para carros, vestiários equipados com cofres e um restaurante com bar e terraço gourmet, que serve como um ponto de encontro para antes e depois das atividades.

### Bem-estar e equilíbrio

Para que o acompanhante do golfista também desfrute de bons momentos durante a estadia, o Hotel Sant'Anna criou o “Programa Golfe & Bem-Estar”. Quem não deseja aprender a dar tacadas

pode relaxar usufruindo dos tratamentos de beleza oferecidos pelo Espaço Quintessência, que faz parte do complexo.

É possível sentir-se a rainha do Egito durante o ritual Cleópatra, que envolve uma massagem relaxante com proteínas do leite e colágeno marinho,

### Relaxamento

Spa, que faz parte do complexo, oferece diversos tipos de terapias para o corpo e bem-estar

### Outros atrativos

Os hóspedes que tiverem interesse de passear pelos arredores do hotel irão encontrar muitos atrativos. Amparo é um município de 60 mil habitantes, conhecido pela rica arquitetura, que contempla 600 casarões, sendo 80 deles tombados. A região do Circuito das Águas Paulista ainda é famosa pela produção de cachaça, malhas, porcelana, doces caseiros, mel, e queijos.



**Dieta equilibrada**  
Hotel oferece cardápios balanceados, mas com sofisticação da alta gastronomia

### Networking

Para atender às exigências do público corporativo, o hotel dispõe de uma infraestrutura que inclui restaurante com bar e terraço gourmet

finalizado com um banho preparado com terapia de cores e aromas. O tratamento promete dar viço, luminosidade e textura de seda à pele.

Outros ingredientes inusitados são utilizados nos banhos terapêuticos. A vinhoterapia combate os radicais livres, revitalizando e hidratando a pele, a partir de uma imersão em um concentrado de uvas roxas provenientes do Sul da Itália. Já a terapia do chocolate auxilia na eliminação das toxinas, na redução da celulite e na eliminação de gordura.

Caso o objetivo seja aliviar a tensão, é possível caminhar em um circuito sobre pisos leves e seixos no jardim da contemplação. A massagem em pontos estratégicos dos pés promete ainda equilibrar o organismo.

Para complementar os benefícios trazidos pelas terapias do Espaço-Quintessência, o hotel promove dois tipos de dieta: livre e balanceada. A primeira é menos rigorosa, mas

### A decoração clássica da fazenda do século 19 cria uma atmosfera elegante e requintada

ainda assim com pouca gordura e sal. A balanceada, por sua vez, é hipocalórica. Ambas as dietas foram elaboradas com a ajuda da PB Consultoria em Nutrição. “Utilizamos apenas produtos orgânicos e boa parte vem da nossa própria fazenda. Substituímos o sal por temperos e ervas, sem perder qualidade nem sabor. Conseguimos atingir o estado da arte no preparo da comida”, garante Lippmann.

De acordo com o diretor-geral, o hotel tem recebido a demanda de eventos corporativos que ofereçam dieta saudável. “Muitas empresas

não querem servir algo muito calórico que deixe os funcionários sem energia. Nesses casos, também abrimos espaço para a prática de esportes no meio da dinâmica de treinamento.”

Para promover atividades físicas, o hotel possui sete trilhas, academia, piscinas climatizadas, quadras de tênis e salão de jogos. A decoração clássica da fazenda do século 19 cria uma atmosfera elegante e requintada. Todos os 42 apartamentos são equipados com ar-condicionado, calefação, TV via satélite, cofre digital, telefone com discagem direta, roupões e aromatização. ■

### Serviço

Hotel Sant’Anna  
Central de Reservas:  
0 XX (11) 3509-4252  
0 XX (19) 3808-7527  
Endereço: Bairro Córrego Vermelho – CEP 13.900-972 – Caixa Postal 2.781 – Amparo – SP  
[www.hotelsantanna.com.br](http://www.hotelsantanna.com.br)

# Gestão de recebíveis contribui para liquidez



Por Almir Lima

Dois anos após o início de uma das maiores crises que o sistema financeiro mundial já enfrentou, os bancos centrais e supervisores globais – representados pelo Comitê de Supervisão da Basileia – anunciaram novas regras de capital. Mais rígidas, as propostas regulamentares, chamadas de Basileia III, têm por objetivo garantir bancos mais sólidos e evitar colapsos.

Nesse contexto, a liquidez das instituições financeiras tem estado cada vez mais no foco e vem despertando uma série de discussões sobre como alavancá-la nos países signatários do acordo internacional.

No Brasil, o debate traz consigo novas oportunidades para o segmento bancário, que lança olhares para uma área em plena expansão: a concessão de crédito. No entanto, com ela, vem associado o fantasma da inadimplência, especialmente neste momento em que a sombra da crise ainda ronda o País.

A chave para minimizar o risco está em uma efetiva gestão de recebíveis, baseada em estratégias assertivas de recuperação de crédito. Entre elas, estão as análises de Business Intelligence (BI), que permitem direcionar os investimentos para ações de maior impacto, visando ao comportamento das carteiras ao longo de um período. Além disso, possibilitam consolidar o perfil de clientes que saldaram dívidas para que as melhores táticas possam ser replicadas.

Vale ressaltar também a salutar proximidade do credor com os parceiros que levam a cabo as operações de cobrança e a criatividade no desenvolvimento de campanhas de negociação, com a devida flexibilização e aferição de resultados. Tudo isso tem um enorme ganho de controle, agilidade e segurança quando executado por meio de sistemas especializados e dedicados, concebidos para atender as demandas do ecossistema financeiro.

Atento à sustentabilidade da economia bancária, o segmento de recuperação de crédito também volta olhares para os padrões e as situações que podem ser evitados nas futuras operações de concessão de crédito. Isso porque o relacionamento direto com o devedor permite reavaliar o modelo que vem sendo oferecido aos tomadores para que esse possa ser aprimorado.

Em última instância, estamos falando de uma gestão de recebíveis que age diretamente sobre a inadimplência, revertendo-a, e influenciando a condução da educação financeira. Em termos práticos, representa a recuperação de ativos e uma alavanca para os bancos atenderem os quesitos mínimos de liquidez propostos pelo Acordo de Basileia e pelo Banco Central do Brasil. ■

**ALMIR LIMA**

É DIRETOR COMERCIAL DA  
VCOM TI, EMPRESA ESPECIALIZADA  
NO DESENVOLVIMENTO DE  
SISTEMAS DE GESTÃO DE RECEBÍVEIS



# Leasing

## para o desenvolvimento

Da Redação

Utilizado para fomentar setores que exigem altos investimentos, atividade pode contribuir para obras de infraestrutura e transportes no Brasil

**O leasing pode ser uma grande contribuição para o desenvolvimento de atividades produtivas no Brasil nos próximos anos, principalmente para aquelas que demandam um grande volume de investimento.**

Essa foi uma das principais conclusões do seminário “Arrendamento mercantil: visão atual e perspectivas futuras”, promovido pela Associação Brasileira das Empresas de Leasing (Abel), em São Paulo.

O chefe do Departamento de Normas do Sistema Financeiro do Banco Central (Denor), Sérgio Odilon dos Anjos, comentou, durante o evento, que a utilização do leasing nos setores produtivos é uma grande oportunidade para o crescimento desse instrumento financeiro no País, uma vez que essa atividade pode contribuir significativamente para o desenvolvimento nacional.

“O leasing é utilizado para fomentar os setores aeronáutico e automobilístico em países desenvolvidos. No Brasil, pode ser amplamente usado nas cadeias de petróleo e gás, energia, infraestrutura e nas obras para a Copa do Mundo de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016”, analisa o executivo do Denor. Ele ministrou a palestra ao lado do membro do conselho do International Accounting Standards Board (IASB), Amaro Gomes (veja entrevista completa nesta edição), que destacou a importância da convergência internacional de normas contábeis e da participação do Brasil nessa discussão. “Somos a sétima maior economia do mundo precisamos ser ouvidos”, concluiu.

Gomes, que foi chefe do Denor de 2004 a 2009, também defendeu a utilização do leasing para investimentos produtivos e ressaltou que o arrendamento mercantil é um segmento importante em economias mais avançadas porque permite o desenvolvimento e a ampliação dos negócios de forma planejada. “Ele é utilizado em várias nações como instrumento para viabilizar atividades em seto-

**Osmar Roncolato Pinho, da Abel**

“O que queremos é o estabelecimento de regras claras a serem seguidas pelos agentes do setor financeiro”

res que demandam investimentos elevados, como os de infraestrutura e de transporte”, destacou.

Também participaram como palestrantes no evento Marco Antonio Bologna, presidente da TAM, Henrique Segnini Bassi, executivo-sênior de operações da Tivit, Hamilton Dias de Souza, advogado tributarista, e Osmar Roncolato Pinho, presidente da Abel.

Bologna explicou os tipos de contratos de leasing utilizados pela empresa aérea, destacando que esse é um instrumento financeiro essencial para o desenvolvimento de atividades produtivas tão intensivas em capital como é o caso da aviação. “A TAM começou porque recebeu a confiança de uma empresa de leasing para arrendar seis aeronaves. Atualmente, estamos com quase 160 aviões”, resumiu.

O diretor da Tivit ressaltou a importância do leasing operacional para o arrendamento de equipamentos diversos e informou que os principais motivos para utilizar essa modalidade são: eficiência na gestão de ativos, custos competitivos, ajuste entre o tempo de vida útil do bem e o tempo do contrato de leasing.

### Legislação e convergência

Analisando a questão jurídica a respeito do Imposto sobre Serviço (ISS) sobre as operações de leasing, Dias de Souza defendeu que a cobrança seja feita no município no qual está o estabelecimento prestador do serviço. No caso das sociedades arrendadoras, esse



### O arrendamento mercantil é um segmento importante em economias mais avançadas porque permite o desenvolvimento planejado

estabelecimento é a sua sede. Por isso há conflitos sobre onde cobrar o ISS. Na opinião do advogado tributarista, o critério que deve valer é o da sede.

O advogado ressaltou que o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o leasing financeiro consiste em uma espécie peculiar de financiamento, caracterizada por uma série de atos. São eles: aquisição do bem junto ao fabricante ou fornecedor e sua entrega ao arrendatário, garantia do direito de uso pacífico do bem, administração do financiamento que, no seu conjunto, apresenta características mais relacionadas com a prestação de serviço e, portanto, sujeitas à cobrança de ISS.

Assim, completou, ainda em relação a esse imposto, resta ao Judiciário definir o município que considera realizada a prestação dos serviços do leasing financeiro, uma vez que o STF já decidiu a respeito da caracterização do negócio.

O presidente da Abel abriu o evento conclamando as sociedades de arrendamento mercantil a encontrar denominadores comuns para questões tributárias, legais e contábeis. Para ele, sem uma consistente segurança jurídica o leasing não poderá ser reconhecido, verdadeiramente, como um instituto e, portanto, apresenta limitações em seu crescimento. “O que queremos é estabelecimento de regras claras a serem seguidas pelos agentes do setor financeiro”, afirmou.

O executivo lembrou, ainda, as controvérsias a respeito do Imposto de Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) cujo ônus acaba transferido ao arrendador que apenas possui a propriedade circunstancial dos bens envolvidos na operação. Na avaliação dele, o imposto deveria ser cobrado daquele que tem a posse e utiliza o bem arrendado. Essa situação, observou Pinho, caracteriza uma evidente quebra de isonomia do leasing em relação a outras operações financeiras.



Além disso, há uma diversidade de alíquotas do IPVA (de zero para o primeiro ano do licenciamento até 4% do valor do veículo), uma vez que muitos Estados adotam reduções na intenção de facilitar o licenciamento em seu território, caracterizando uma verdadeira guerra fiscal.

Pinho comentou, ainda, a respeito do estabelecimento do Valor Residual Garantido (VRG). “Essa cláusula é, frequentemente, violada em dissonância com as características dos contratos de arrendamento mercantil, o que impõe condenações para devolução de tais valores. Para o presidente da Abel, essas incertezas relativas ao leasing reforçam a insegurança sobre a prática da atividade. “Dessa forma, o arrendamento mercantil tem dificuldade para crescer e alcançar seu potencial de mercado, embora seja um instrumento financeiro adequado para viabilizar grandes investimentos”, concluiu. 

**Sérgio Odilon dos Anjos, do Denor**  
“O leasing é utilizado para fomentar os setores aeronáutico e automobilístico em países desenvolvidos”

# A importância do branding



Por Daniel Calil

O branding é um assunto cada vez mais familiar nas pautas em reuniões de empresas que se preocupam com sua imagem e reputação. A convivência com empresas e produtos transformados em commodities tornou o consumidor exigente e ávido por diferenciação. Isso faz da marca o ponto mais importante da relação entre empresas e seu público.

Empresas têm vida. Evoluem. Modernizam-se. Não há surpresas nisso. As marcas também. Não se trata apenas de um signo visual, a marca é portadora dos atributos que trazem percepções e desenvolvem uma relação emocional com o cliente. Dessa maneira, cria defensores e embaixadores fiéis que se atrevem a difundir suas experiências como se fossem proprietários.

Nas instituições financeiras, como em processos de oferta pública de ações, esses sinais deverão ser emitidos para definir os atributos e benefícios de forma clara para que sejam valorados à marca em sua apresentação. Passar credibilidade, solidez, confiança, tecnologia, inovação... Tudo isso é percebido pelo mercado no design da marca e pela sua identidade em materiais corporativos, no discurso e em sua reputação trazendo à tona os valores, a missão, o DNA da instituição.

A reputação corporativa é um ativo, ainda que intangível, ela é orientada e desenvolvida pelo posicionamento assumido de uma marca. Posicionamento que se torna percebido a partir de cada autoapresentação da marca. Em qualquer esfera de contato, em qualquer elemento que gere valor percebido. Portanto se reputação e imagem andam lado a lado, a tradução sinté-

tica desta unicidade é a marca. A reputação é produto de uma construção histórica, baseada no compromisso com os públicos e no esforço contínuo de aprimoramento do negócio. A imagem é o resultado da percepção dos diferentes públicos sobre o negócio. Como gerenciar essa orientação? Por meio do gerenciamento da identidade da marca. A esse processo de gerenciamento da identidade empresarial, chamamos branding.

Portanto branding é a construção de uma marca forte, capaz de seduzir legiões de seguidores não virtuais, mas de carne e osso, para um produto, serviço ou ideia. É tratado no gerúndio, no termo em inglês porque é consequência de um relacionamento envolvente com o mercado-alvo. Quando essa identificação positiva se torna forte o bastante, a marca muitas vezes passa a significar mais do que o próprio produto oferecido, tornando-se um conceito propriamente dito.

Introduzir o tema branding na plataforma de negócios da empresa, é cuidar do conjunto de ações ligadas à administração das marcas. Com conhecimento e competência, levando as marcas além da sua natureza, passando a fazer parte da cultura, influenciando e simplificando as relações comerciais na vida das pessoas, em um mundo no qual os consumidores ainda têm relações confusas, complexas e desconfiadas com empresas. É providencial investir para que seu público entenda e se apaixone pela sua marca. **f**

**DANIEL CALIL**

É SÓCIO DA COMMGROUP BRANDING,  
CONSULTORIA DE MARCAS

# Rombo no bolso

A carga tributária brasileira representa 35,1% do Produto Interno Bruto (PIB), uma das mais elevadas do mundo. Ao privilegiar o consumo e não o patrimônio, modelo adotado no País retira do contribuinte dinheiro que poderia circular na economia

Por **Giseli Cabrini**

**Não é segredo para parte da população que o Brasil possui uma das cargas tributárias mais elevadas do mundo.** O que muitos desconhecem é a dimensão e quanto essa situação pesa no bolso do brasileiro e pune, de fato, a economia. Ou seja, o que poderia circular no mercado vai para os cofres públicos. Atualmente, a carga tributária no País corresponde a 35,1% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto nos Estados Unidos essa relação é de 24%. O patamar brasileiro também supera o apurado por nações emergentes como China (18%) e Índia (12,1%).

Estudos realizados pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) apontam que o contribuinte brasileiro trabalhou neste ano, em média, 149 dias somente para pagar impostos. Isso corresponde a uma carga tributária de 40,82%. Do total, 14,72% correspondem a tributos sobre a renda, 3,02% sobre o patrimônio e 22,8% a impostos sobre o consumo.

Na avaliação de Gilberto Luiz do Amaral, presidente do IBPT, uma das grandes anomalias no sistema tributário brasileiro é exatamente o modelo de incidência de impostos sobre os produtos de consumo. De acordo com o executivo, isso gera uma injustiça fiscal, pois um sistema justo onera mais a renda e o patrimônio do que o consumo.

Amaral também chama a atenção sobre outras distorções como o fato de que o governo gasta demais e de forma equivocada, o que demanda o aumento da arrecadação por meio de taxas para compensar os dispêndios. Confira a seguir a entrevista exclusiva do executivo à revista *Financeiro*.

**REVISTA FINANCEIRO** Fale sobre a recente publicação, o “Guia Prático: Alianças Estratégicas com Empresas Brasileiras – Uma Visão Legal”.

**GILBERTO LUIZ DO AMARAL** Essa é uma obra coletiva e foi coordenada por mim em conjunto com Letícia Mary Fernandes do Amaral, atual vice-presidente do IBPT, e Milene Regina Amoriello. Ambas são advogadas e sócias do meu escritório, Amaral & Associados, de Curitiba (PR). O livro tem ainda a participação de mais de 20 advogados especializados em diversas áreas do direito, cada qual tendo contribuído com



“

No Brasil gasta-se muito e mal. Os dispêndios não são voltados para obras de infraestrutura ou para uma melhor qualidade de serviços públicos”

Gilberto Luiz do Amaral, do IBPT



“No passado recente, tivemos no País uma excelente oportunidade para comprovar a redução de alíquota de determinados produtos”

temas relacionados a aspectos jurídicos, fiscais e contábeis. A publicação tem por objetivo abordar, de forma ampla e específica, assuntos legais a serem levados em conta por empresários, advogados, contadores e administradores, antes de se dar início à negociação de uma aliança estratégica com um potencial parceiro. O livro dá enfoque a alianças estratégicas na forma de joint ventures, consórcios, parcerias público-privadas, aquisições parciais de empresas e fusões. Tendo em vista o atual cenário socioeconômico no qual o Brasil está inserido, se trata de um obra de imprescindível consulta para empresas nacionais e estrangeiras interessadas na formação e na negociação de alianças estratégicas. O nosso objetivo para 2012 será atualizar e traduzir o livro para o inglês, lançando-o no exterior.

**FINANCEIRO** A alta carga tributária brasileira, na sua avaliação, pune mais as pessoas físicas ou jurídicas? Ou ambas?

**AMARAL** Uma carga tributária elevada inibe o crescimento econômico. Sendo assim, prejudica as empresas, pois os produtos perdem competitividade para os de outros países. Ao fazer isso, a consequência natural é a redução do nível de emprego, o que prejudica também as pessoas físicas.

**FINANCEIRO** Atualmente, a carga tributária corresponde a 35,1% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Se ela fosse menor, quanto a riqueza do País poderia avançar acima dos atuais índices de crescimento que têm sido apurados nos últimos anos?

**AMARAL** Hoje em dia, a relação entre a carga tributária brasileira e o PIB é muito elevada. No passado recente, tivemos no País uma excelente oportunidade para comprovar que a redução de alíquota de determinados produtos não representa, necessariamente, uma queda na arrecadação tributária. Isso ocorreu em plena crise econômica mundial, iniciada em 2008, quando o governo brasileiro, em boa hora, tomou medidas anticíclicas extremamente oportunas e eficientes. Naquele momento, o governo reduziu a alíquota do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para veículos novos, eletrodomésticos da

linha branca e materiais de construção. A consequência foi que o brasileiro, com mais dinheiro no bolso, consumiu mais, gerando um aumento na arrecadação tributária mesmo com a diminuição de alíquota. Isso demonstra que a redução dos impostos estimula a economia. Quando a arrecadação tributária cresce em decorrência do crescimento econômico isso é salutar. O que é nocivo à economia é o aumento da arrecadação em decorrência da elevação da carga tributária.

**FINANCEIRO** Por que a atual carga tributária é tão alta?

**AMARAL** A estimativa do IBPT é de que, neste ano, a arrecadação tributária nas três esferas de governo – municipal, estadual e federal – atingirá R\$ 1,5 trilhão, batendo novo recorde. Trata-se de um montante extremamente elevado. A Receita Federal do Brasil (RFB) é extremamente eficiente, atingindo níveis tecnológicos de excelência. Ocorre, no entanto, que a mesma diligência não existe no Executivo, no que se refere aos gastos públicos. Ou seja, hoje no Brasil gasta-se muito e mal. Os dispêndios não são voltados para obras de infraestrutura ou para uma melhor qualidade de serviços públicos para a sociedade. Portanto a carga tributária é tão elevada exatamente porque não há

# Valorize seu currículo. Incremente sua carreira.

Em resposta às crescentes exigências do vigoroso e dinâmico mercado de crédito brasileiro, a Acrefi criou o exame **Certicrefi**, destinado a certificar a capacitação profissional de funcionários de correspondentes, promotoras de financiamento e instituições financeiras.

Tudo o que você precisa saber a respeito está no site [www.certicrefi.org.br](http://www.certicrefi.org.br). Prepare-se para uma nova etapa na sua vida profissional.



PROVA DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL



um correto uso dos recursos públicos, pois caso houvesse, não seria necessário arrecadar tanto.

**FINANCEIRO** Quais as diferenças entre a carga tributária brasileira, norte-americana, chinesa e indiana?

**AMARAL** A carga tributária nos Estados Unidos é de 24%, na China é de 18% e na Índia é de 12,1% do PIB.

**FINANCEIRO** Como é o mecanismo de tributação do consumo no Brasil? O que o difere dos demais países?

**AMARAL** Uma das grandes anomalias que tem o nosso sistema tributário é exatamente o modelo de incidência de impostos sobre produtos de consumo. Isso gera uma injustiça fiscal, pois tributa fortemente as pessoas com renda menos favorecida. Um sistema justo tributa mais a renda e o patrimônio e menos o consumo.

**FINANCEIRO** Do total do rendimento de um trabalhador, em média, quanto é destinado aos impostos, não só sobre a folha de pagamento mas sobre todos os produtos que ele consome?

**AMARAL** De acordo com estudos realizados pelo IBPT, o contribuinte brasileiro trabalhou, em média, neste ano, 149 dias somente para pagar tributos. Isso corresponde a uma carga tributária de 40,82%. Deste total, 14,72% correspondem a tributos sobre a renda, 3,02% sobre o patrimônio e 22,80% a impostos sobre o consumo.

**FINANCEIRO** Que tipo de reforma tributária seria viável para o Brasil?

**AMARAL** Quando se fala em reforma tributária, a ideia é de que ela seria a solução para todos os problemas do País. É importante examinar o enfoque de quem fala sobre o assunto. Em se tratando de governadores ou prefeitos, a reforma tributária tem por objetivo uma melhor repartição dos recursos arrecadados com os tributos. Atualmente, de tudo que é arrecadado, 70% dos recursos ficam com a União, 25% com os Estados e apenas 5% com os municípios. O governo federal, de sua parte, não se opõe à reforma tributária, desde que não perca parte de sua receita. É essa a reforma tributária que a sociedade necessita? É claro que

não. O que a sociedade brasileira almeja é uma redução na carga tributária e, para isso, não é necessária uma reforma tributária ampla. Basta vontade política.

**FINANCEIRO** Em sua opinião, o brasileiro sabe quanto paga de impostos?

**AMARAL** O brasileiro sabe que paga muito, mas não tem a exata dimensão de quanto é esse montante. Isso se deve ao fato de que grande parte do que é arrecadado está embutido nos preços dos produtos, sem que haja uma transparência do que exatamente está sendo desembolsado.

**FINANCEIRO** Qual país tem o sistema tributário que poderia servir de modelo para o Brasil e para resto do mundo?

**AMARAL** Recentemente, o IBPT realizou um estudo denominado “Índice de Retorno de Bem-Estar à Sociedade” (IRBES). Nesse material, o objetivo era mensurar os 30 países de carga tributária mais elevada e verificar se os valores arrecadados estariam retornando à população, por meio de serviços de qualidade, que viessem a gerar bem-estar à população. Para tanto, utilizamos dois parâmetros, que consideramos essenciais para esse tipo de comparação. Primeiro, a carga tributária, que obtivemos

“Tudo que é arrecadado, 70% dos recursos ficam com a União, 25% com os Estados e apenas 5% com os municípios. O governo federal não se opõe à reforma tributária”



“Assim como a elevada carga tributária inibe o crescimento econômico, uma política de juros elevados mitiga o crédito, que diminui o avanço da economia”

junto à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Na sequência, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), conforme os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), que é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores. A partir desses dados, fizemos um cruzamento e obtivemos um ranking. Os Estados Unidos ficaram em primeiro lugar (com uma carga tributária de 24% sobre o PIB e um IDH de 0,95). O Uruguai ocupou a 13ª posição; a Argentina (16ª) e o Brasil (30ª). Isso demonstra que, apesar de termos uma elevada carga tributária, esse dinheiro não retorna para a sociedade em forma de serviços públicos. Portanto os países melhores colocados nesse ranking devem servir de modelo. Entre eles estão: Estados Unidos, Japão, Irlanda, Coreia do Sul e Austrália.

**FINANCEIRO** Um país sem cobrança de impostos é viável do ponto de vista econômico?

**AMARAL** Os tributos são uma parcela do patrimônio do contribuinte que deve ser transferido ao Estado, para que ele possa desenvolver as suas atividades precípuas. Portanto pagar tributos é um dever do cidadão e uma necessidade para a vida

em sociedade. Ocorre, no entanto, que tem de haver um limite e isso existe na Constituição do Brasil, que é o princípio do não confisco. Ou seja, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos municípios utilizarem tributos com o efeito de confisco. Ocorre que a Constituição não estabelece um critério objetivo, ou seja, a partir de qual patamar a carga tributária seria considerada confiscatória.

**FINANCEIRO** Como avalia o comportamento do segmento de crédito no País?

**AMARAL** Assim como a elevada carga tributária inibe o crescimento econômico, uma política de juros elevados mitiga o crédito, que por sua vez diminui o avanço da economia. Assim, o brasileiro é fortemente penalizado com uma elevada carga tributária sobre os produtos de consumo e, também, com taxa de juros alta quando utiliza o sistema de crédito.

**FINANCEIRO** Na sua opinião, o brasileiro está preparado para lidar com esse aumento na oferta de crédito?

**AMARAL** Entendo que sim. Verifica-se, efetivamente, um aumento da oferta de crédito e o brasileiro, na maioria, está sim preparado para lidar com isso.

**FINANCEIRO** Que tipo de prática adota na sua vida financeira que daria como conselho a nossos leitores?

**AMARAL** Aprendi que parte do que se ganha deve ser poupada, principalmente para enfrentar períodos difíceis ou fazer investimentos sem precisar de financiamento. Tenho em mente que preciso dispor de reservas para enfrentar pelo menos seis meses sem receita ou para atender a imprevistos. Assim, poupava 10% do que ganhava para atingir tal objetivo. Após cumprir tal meta, passei a pensar em investimentos financeiros e patrimoniais, sem concentrar em um único tipo, diversificando-os em ações, renda fixa e imóveis, além da ampliação do próprio investimento em meu escritório. E, há alguns anos, direciono parte importante dos rendimentos para fomentar atividades filantrópicas, como forma de aperfeiçoar o meu importante patrimônio: o de cidadão brasileiro. **f**



# Com base na confiança

Por Mariana Congo

Alternativa ao sistema financeiro tradicional, microcrédito cresce no Brasil. Além do trabalho de educar financeiramente, também promove o desenvolvimento econômico e social



### **Nada de avalistas, fiadores ou bens patrimoniais ofertados como garantia.**

Em uma operação de microcrédito, o compromisso do pagamento é garantido na base da confiança. O perfil de quem faz esse tipo de operação é o de pessoas que mantêm negócios próprios de baixo faturamento e geralmente informais. São pequenas lojas, confecções, mercearias, salões de beleza, carrinhos de pipoca e diversos microempreendimentos localizados em comunidades e com potencial para fortalecer economicamente regiões marginalizadas.

A demanda reprimida por microcrédito no Brasil é de cerca de dez milhões de microempreendedores, segundo a Associação Brasileira de Entidades Operadoras de Microcrédito e Microfinanças (Abcred), mas a modalidade vem crescendo nos últimos anos. No BNDES Microcrédito, programa do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, por exemplo, o desembolso para instituições repassadoras de microcrédito aumentou quase 200% entre 2009 e 2010. Somente em 2010, o BNDES emprestou o valor de R\$ 58,1 milhões.

Nos moldes atuais, o BNDES Microcrédito vai até dezembro de 2012. Depois desse período a entidade poderá rever as taxas do programa. Para instituições intermediárias, como as agências de fomento e bancos de desenvolvimento, a taxa



de juros é 1,5% ao ano mais a Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), que no último semestre deste ano está no patamar de 6%. Já para as instituições que repassam o recurso diretamente aos microempreendedores, como as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscips), vale somente a TJLP.

“O principal objetivo do BNDES Microcrédito é a promoção da economia popular por meio da oferta de recursos para o microcrédito produtivo orientado para empreendimentos formais e informais, normalmente excluídos do acesso aos serviços financeiros”, diz Guilherme Montoro, gerente do departamento de economia solidária da área de agropecuária e inclusão social do BNDES. Desde 2005, foram realizadas 61 operações para instituições de microcrédito e nenhuma instituição deixou de quitar o empréstimo.

### **Exigibilidade bancária**

Em agosto deste ano, o Conselho Monetário Nacional (CMN) publicou uma resolução (nº 4.000, de 24 de agosto de 2011) que consolidou as regras para a exigibilidade bancária de aplicação em microcrédito,

**Almir Pereira da Abcred**  
“O microcrédito tem as características de inclusão social e geração de renda”



O desembolso do BNDES para instituições repassadoras de microcrédito aumentou quase 200% entre 2009 e 2010. No primeiro semestre de 2011, a instituição emprestou R\$ 41,26 milhões

correspondente a 2% dos depósitos à vista dos bancos. A ênfase no microcrédito produtivo orientado – e não somente no microcrédito para consumo – é um dos pontos de destaque da resolução. A partir de julho de 2013, pelo

menos 80% da exigibilidade deverá ser direcionado ao microcrédito produtivo orientado.

Atualmente, o microcrédito para consumo representa a maior parte da aplicação: 67% em dezembro de 2010. Mesmo que as operações de microcrédito produtivo orientado representem 33% das aplicações, o crescimento da modalidade entre 2005 e 2010 foi de 357%, segundo o Banco Central do Brasil (BCB). Os bancos públicos federais respondem por 88% do total aplicado em microcrédito produtivo orientado e 86% das operações de consumo. No “II Relatório de Inclusão Financeira”, o BCB destaca este ano que o crescimento da participação das instituições financeiras privadas no mercado de microcrédito será essencial para a massificação do produto financeiro no Brasil.



#### **Evolução**

Fábrica de pães Kero-Kero começou em 2001 com quatro pessoas e hoje possui 30 funcionários e diversidade de produtos

Na década de 1990, quando diversos programas de microcrédito surgiram em meio a um cenário de desemprego e aumento da informalidade, era comum que as instituições repassadoras recebessem doações para composição de fundo de empréstimo. Hoje, a maioria trabalha com recursos emprestados. Em agosto deste ano, o governo Federal lançou o programa “Crescer” para impulsionar a modalidade de empréstimo no Brasil. Até o fim 2011, vai aplicar R\$ 310 milhões em recursos do Tesouro Nacional para viabilizar uma carteira ativa da ordem de R\$ 1,73 bilhão, considerando somente os bancos públicos federais. Em 2012, serão R\$ 480 milhões em aplicações e R\$ 2,99 bilhões em carteira ativa.

Com juros de até 8% ao ano e Taxa de Abertura de Crédito (TAC) de 1%, o “Crescer” tem as menores taxas

do mercado, para o microempreendedor ainda mais atrativas do que as diretrizes do Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado (PNMPO). Criado em 2005 e gerido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o PNMPO tem juros de no máximo 4% ao mês e TAC de até 3%. Tanto no “Crescer” como no PNMPO, é considerado microcrédito os empréstimos a microempreendedores no valor de até R\$ 15 mil reais.

#### **Inadimplência dos sonhos**

Por ter a educação financeira como uma de suas premissas, o microcrédito produtivo orientado garante que o tomador não dê passos maiores que as pernas. Com o auxílio do agente de crédito, é calculada a capacidade

de geração de renda pelo microempreendimento, assim como o valor do empréstimo e das prestações compatíveis com o faturamento. “Isso tem como consequência a baixa inadimplência”, diz Almir Pereira, presidente da Abcred e gerente-executivo do Banco do Povo – Crédito Solidário. Além disso, a partir da evolução do microempreendimento, empréstimos sucessivos são combinados.

O principal operador de microcrédito do País, o Crediamigo, do Banco do Nordeste, por exemplo, teve índice de inadimplência na média de 1,07% em 2011, considerando valores atrasados em até 90 dias. O Crediamigo desembolsou cerca de R\$ 2,23 bilhões em empréstimos entre janeiro e outubro de 2011. Além disso, alcançou a marca de 1 milhão de clientes ativos.

Segundo Pereira, o domínio das tecnologias sociais de microcrédito, como a formação de grupos solidários e o papel de orientação do agente de crédito, permitiu o desenvolvimento das instituições, assim como a difusão da informática como instrumento de gestão desde a década de 1990. Por outro lado, um dos entraves ao desenvolvimento do setor são as despesas bancárias que as organizações de microcrédito pagam ao sistema financeiro tradicional, como taxa para emissão de boletos bancários.

O agente de crédito tem papel proativo, de apresentar ao microempreendedor uma solução muitas vezes desconhecida e alternativa ao sistema financeiro tradicional. A falta de capital para reposição de estoque, diversificação de produtos, reformas e aquisição de máquinas ou móveis muitas vezes causa a morte de um microempreendimento.

Em Mauá, na região metropolitana de São Paulo, a microempreendedora Maria Aparecida Morales e dois irmãos somaram esforços para abrir um negócio próprio, a Fábrica de Pão Kero-Kero. No início, a família de 11

irmãos contribuiu com dinheiro para compra de equipamentos. O capital para a matéria-prima veio de uma fonte alternativa: a coleta de papelão para reciclagem. A história começou em 2001 e hoje, dez anos depois, a fábrica, que começou com quatro pessoas e que só produzia pão sovado, tem 30 funcionários e diversidade de produtos, como pães para lanches e panetones.

A cada passo do crescimento da fábrica, o microcrédito foi um dos instrumentos. “Um dia eu ouvi um pessoal comentando sobre o Banco do Povo – Crédito Solidário e que tinha de montar um grupo de quatro pessoas para fazer empréstimo. Precisávamos de dinheiro para reforma. Reuni mais três pessoas e fomos na sede do banco. Não é que deu certo?”, lembra Maria Aparecida, da Fábrica de Pão Kero-Kero.



**Priscilla Cortezze, do Citi**

“Com capital para investir, vemos o crescimento dos negócios, o nível de profissionalização aumenta e muitos entendem a importância de entrar para a economia formal”



Ela conta que começou emprestando R\$ 1,2 mil e hoje já chegou a pegar R\$ 3,6 mil. “Se pagar direitinho vou aumentando o meu limite de crédito”, diz. Em seu grupo solidário, que hoje tem seis pessoas, três trabalham revendendo o pão da Kero-Kero. A fábrica passou a ser uma empresa formal há seis meses.

No Banco do Povo – Crédito Solidário, em Santo André (SP), a taxa de inadimplência média é de 1,04%. Em 2007, a instituição tinha 650 clientes ativos, número que saltou para 2,4 mil em 2010. O valor médio dos empréstimos é de R\$1,2 mil e a maioria da carteira de clientes é composta por microempreendimentos informais.

## Reconhecimento

As vitórias da Kero-Kero são compartilhadas. Maria Aparecida conta que, a cada objetivo alcançado, são feitas doações em dinheiro e em produtos para oito instituições como orfanatos e o Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (Graacc). “Quando é festa do Dia das Crianças, a gente doa hot dog. No Natal damos minipanetone”, diz. Atitudes como essa renderam à Fábrica de Pão Kero-Kero o primeiro lugar na edição deste ano do Prêmio Citi Melhores Microempreendimentos, na categoria faturamento anual entre R\$ 120 mil e R\$ 240 mil.

A perenidade e a sustentabilidade do negócio, assim como o seu impacto multiplicador e a capacidade empreendedora, foram os quesitos avaliados. A premiação existe desde 2005 e acontece em 28 países. Para participar, os microempreendimentos devem ser clientes da instituição de microcrédito há pelo menos dois anos. “As histórias do prêmio destacam como os microempreendedores, além de garantirem o sustendo da família, têm também atividades ambientais e sociais que agreguem valor”, pontua Daniela Stucchi, gerente de sustentabilidade do Citibank no Brasil.

Neste ano, o Prêmio Citi Melhores Microempreendimentos recebeu 660 inscrições de 37 instituições de 17 Estados brasileiros. No ano passado, foram cerca de 300 inscritos. “Com capital para investir, vemos o crescimento

dos negócios, o nível de profissionalização aumenta e muitos entendem a importância de entrar para a economia formal”, diz Priscilla Cortezze, superintendente de assuntos corporativos do Citi Brasil.

Para o futuro, um dos sonhos de Maria Aparecida, da Fábrica de Pão Kero-Kero, é juntar dinheiro para comprar um terreno próprio, construir uma fábrica maior e sair do aluguel. Quando o negócio cresce, os sonhos também aumentam de tamanho. ■

## Crédito para produzir

Diferentemente do crédito para o consumo, o microcrédito produtivo orientado é chamado “produtivo” porque o empréstimo deve ser usado para o empreendedor investir no desenvolvimento do negócio e gerar retorno financeiro para pagar a dívida. Junto com o dinheiro, a informação é moeda de troca importante. A modalidade também tem a palavra “orientado” no nome, pela característica de educação financeira.

Segundo Almir Pereira, presidente da Abcred e gerente-executivo do Banco do Povo – Crédito Solidário, muitos microempreendedores não têm processos organizados e por isso não controlam o movimento periódico do caixa e não sabem exatamente quanto o negócio fatura “É comum o empreendedor manifestar o desejo de ter o máximo de empréstimo possível, porque tem várias demandas. Mas o agente de crédito deve avaliar a capacidade de pagamento e orientar a fazer um planejamento financeiro”, diz Pereira.

A formação de grupos solidários, que emprestam e assumem o compromisso do pagamento em conjunto, é um tipo comum de contrato de microcrédito. Se um dos participantes tem dificuldade para pagar, os outros arcam com os custos até que a pessoa possa voltar a cumprir com o prometido. “É um crédito com característica de inclusão social e geração de renda. A exigência da formalidade excluiria a possibilidade de contratação para essas pessoas”, afirma o presidente da Abcred. De acordo com ele, a modalidade de microcrédito está fundamentada em uma rede social de apoio que exclui a garantia de bens patrimoniais.

# Orçamento saudável

Febraban cria programas com a meta de ensinar a sociedade a lidar com dinheiro. Somente o portal “Meu Bolso em Dia”, principal ferramenta do projeto, já registrou mais de 5 milhões de acessos

Por Juliana Jadon

**Em um fim de semana ensolarado, crianças andam de bicicleta e patins no Museu do Ipiranga, em São Paulo (SP).** A mãe as observa enquanto o pai, interessado no motivo da fila e das tendas armadas que vislumbra pouco adiante, deixa a família no entretenimento e vai ver de perto o que é. Para a surpresa do homem, aquelas pessoas aguardavam serem atendidas por um consultor financeiro. O es-

pecialista dava dicas para equilibrar o orçamento mensal, sair do famoso rotativo do cartão de crédito e ainda aconselhava os interessados a guardar recursos para uma necessidade eventual. A ação faz parte da caravana “Meu Bolso em Dia”, uma das diversas iniciativas da Federação Brasileira de Bancos (Febraban) voltadas à educação financeira da população.



Em sua viagem mais recente, em outubro de 2011, a caravana foi a Brasília e teve a adesão de cinco mil pessoas. Participam da ação profissionais de bancos parceiros, prefeituras locais e professores de faculdades e escolas como o Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper). Os benefícios para a sociedade são muitos. Quem tem o nome restrito, por exemplo, aprende a “limpá-lo”.

Seja no parque, na internet ou distante das grandes metrópoles, a entidade, que congrega os bancos no País, tem como objetivo educar financeiramente a chamada nova classe média brasileira. Com a ascensão da sociedade para a classe C, muitas pessoas tiveram o primeiro contato com produtos e serviços financeiros em 2011. Um levantamento da Febraban mostra que 61% dessa fatia de mercado possui cartão de crédito. E ainda: 14 milhões de pessoas da classe C emprestam o plástico para parentes e amigos, o que aumenta o risco do não pagamento. Esse produto financeiro é, inclusive, o principal mecanismo de crédito dessa faixa da população. O dado, do instituto de pesquisas Data Popular, mostra que o brasileiro ainda desconhece, e muito, os conceitos que envolvem a educação financeira. “Quem oferece qualquer produto ou serviço para a sociedade tem a missão de explicar ao consumidor como usá-lo. Queremos que a inclusão financeira ocorra de maneira sustentável”, aponta Fábio Moraes, diretor de educação financeira da Febraban.



**Fábio Moraes,  
da Febraban**  
“O planejamento financeiro deve existir não para ser um bloqueio ao consumo, mas para que a pessoa continue a gastar no dia de amanhã”

O guarda-chuva do programa é o portal “Meu Bolso em Dia”, lançado em março de 2010. O canal oferece informações didáticas sobre finanças pessoais para dar suporte a decisões relacionadas ao uso do dinheiro, do crédito e de bens financiados. Situações cotidianas são abordadas no espaço. Existem dicas sobre como organizar um churrasco ou festa com os amigos, sem sair no prejuízo. Ou ainda decorar a casa bem e sem gastar





**Para todos os públicos**  
Crianças se divertem com o boneco símbolo do “Meu Bolso em Dia”, em ação no Museu do Ipiranga, em São Paulo (SP)

muito. Em setembro deste ano, o website atingiu a marca dos cinco milhões de acessos.

Nele, além das sugestões, os internautas encontram o software de gestão financeira Jimbo, que controla o orçamento pessoal e ainda planeja as despesas dos próximos meses. O programa, que pode ser baixado gratuitamente, cria gráficos ilustrativos que mostram os itens que demandam a maior parte das despesas (condomínio, escola dos filhos, saúde, seguro, previdência, cartões de crédito, entre outros).

Até julho, o Jimbo foi instalado em mais de cem mil computadores. O programa também simula investimentos e avisa vencimentos de faturas. “O planejamento financeiro deve existir não para ser um bloqueio ao consumo, mas para que a pessoa continue a gastar no dia de amanhã”, diz Moraes.

Recentemente, o Jimbo foi apresentado nas telas da televisão de milhares de pessoas. Em um quadro do programa do apresentador Augusto Liberato, o Gugu, uma pessoa que teve a casa reformada ganhou um notebook com o software instalado para ter controle do orçamento, uma vez que os gastos aumentariam com a residência equipada. Depois da ação, o número de acessos ao canal aumentou 300% em um final de semana.

O diretor da Febraban conta que, em fevereiro de 2012, o Jimbo terá uma versão para smartphones. “O público principal do portal e, conseqüentemente, do Jimbo, está nos consumidores de classe média, principalmente jovens, que têm mais familiaridade com a internet”, revela o executivo.

Mas, segundo Moraes, essas iniciativas são pequenas diante da enorme demanda por educação financeira. “Contatamos outras entidades com o objetivo de fazer um programa integrado, em âmbito nacional. Educação financeira ainda é algo pequeno. Queremos atingir cerca de 150 milhões de pessoas”, revela Moraes.

Por isso, a entidade vai realizar, a partir de 2012, cursos com o tema “Meu Bolso em Dia na Escola”, oferecidos para os alunos do Centro Paula Souza – vinculado à Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (SDE). Jovens terão material didático, como livros e conteúdo on-line, que ficará disponível no site de educação financeira da Febraban, além de concursos culturais e gincanas. “O endividamento exagerado leva ao descontrole e isso é péssimo para qualquer sociedade”, avalia o executivo. ■



Agora você já sabe onde encontrar mais de 150 entrevistas exclusivas com especialistas em economia e finanças na Web.

[www.acrefi.org.br](http://www.acrefi.org.br)

# Controle das finanças na palma da mão

Aplicativos ajudam usuários na conscientização e controle de gastos, além de realizar serviços bancários

Por Paulo Gratão



## Há muito tempo os celulares deixaram de ser meros dispositivos

**de comunicação.** Os smartphones, por sua vez, fizeram com que cada vez mais esses aparelhos se tornassem uma extensão do corpo humano, com possibilidade de armazenar diversos formatos de informações e conectar o usuário a inúmeros produtos e serviços, além de reproduzir músicas e ser utilizado como câmera fotográfica e de vídeo.

Até mesmo para organizar a vida financeira, os smartphones entram em ação. Com o advento dos aparelhos celulares inteligentes e, mais recentemente, dos tablets, os bancos começaram a oferecer serviços nos dispositivos móveis. As antigas planilhas de controle no Excel se transformaram em aplicativos que auxiliam o usuário a monitorar melhor o orçamento pessoal, em tempo real.

Erick Vils, fundador da WebSoftware, empresa que desenvolve sistemas web com foco em negócios, não vai mais a agências bancárias. Paga uma conta com o leitor do código de barras enquanto está no banco de

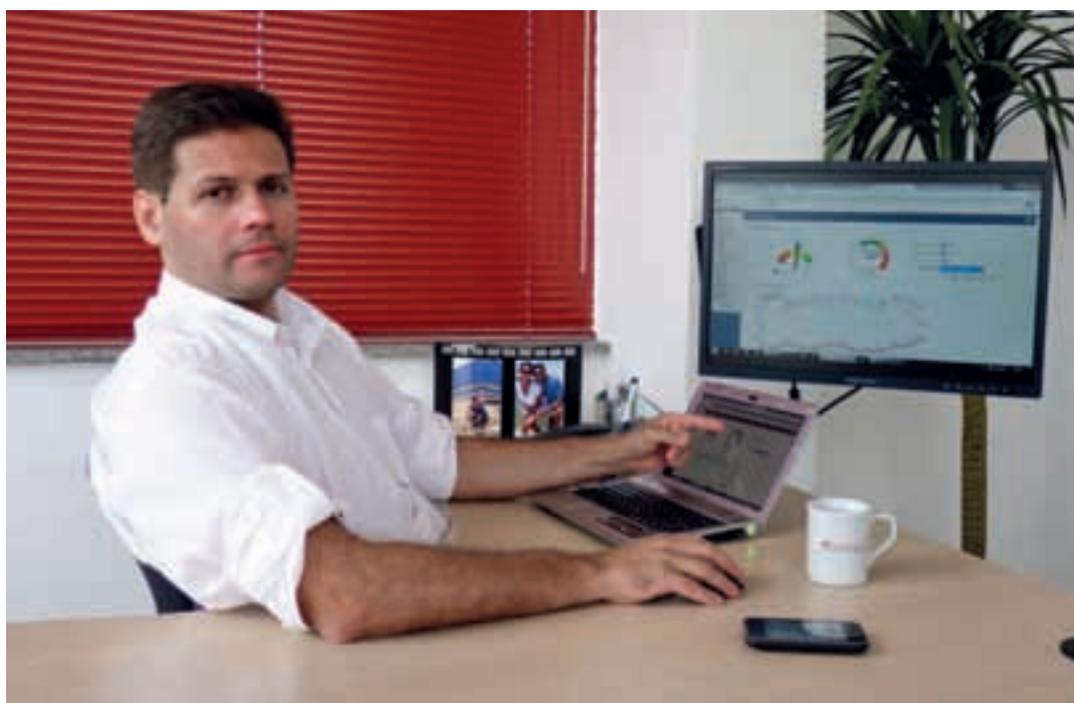
carona de um carro, a caminho de algum compromisso, ou faz transações em sua conta corrente na hora do almoço. “Não preciso nem digitar o número do código de barras, ele reconhece a linha por meio da câmera, só confirma e faz o agendamento do pagamento”, comenta.

Além dos serviços bancários, o executivo diz que consulta investimentos, verifica cotações e faz controle de gastos por meio de aplicativos instalados em seu iPhone. “Gerencio até as contas da empresa por meio de um aplicativo que tem sua base toda na web, mas que roda no iPhone e no tablet. Faço todo o acompanhamento financeiro pessoal ou profissional pelo aparelho”, diz.

## Consciência virtual

Mas o mundo financeiro móvel ainda não é perfeito para Vils. O executivo acredita que há um passo importante a ser dado no sentido de ajudar as pessoas a ter um controle, efetivo, de suas finanças. “Falta algo que classifique a qualidade dos gastos. Que permita avaliar

**Erick Vils,**  
fundador da  
**WebSoftware**  
“Gerencio até as contas da empresa por meio de um aplicativo que tem sua base toda na web, mas que roda no iPhone e no tablet”



## As planilhas no Excel se transformaram em aplicativos que auxiliam a monitorar o orçamento, em tempo real

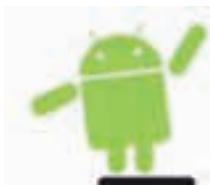
se o gasto te traz um retorno ou é uma obrigação que tem que ser paga de qualquer forma”, afirma.

Está em fase de testes na WebSoftware um novo aplicativo chamado Siri no Bolso que atende a essa demanda citada por Vills. O recurso permite que os usuários relacionem gastos imprescindíveis e outros que poderiam ser evitados, funcionando como uma consciência virtual. “Você passa a olhar de forma mais crítica o gasto antes de mover o seu dinheiro para coisas

que tragam prazer e retorno de alguma forma. Quando você coloca a possibilidade do aplicativo classificar o gasto como supérfluo, a pessoa evita a compra por impulso”, explica o executivo. A previsão para lançamento da ferramenta é fevereiro de 2012.

Segundo estudo divulgado pela Nielsen, em agosto deste ano a venda de smartphones cresceu 165% no Brasil, sendo que 39% utilizam aparelhos com sistema operacional Android, do Google; 28%, o iOS, da Apple; e 20%, o BlackBerry.

Enquanto o produto da WebSoftware está em fase de testes, separamos alguns dos principais aplicativos existentes nas três plataformas mais utilizadas pelos consumidores brasileiros, para que as finanças possam ser melhor controladas. **fi**



### Android

Sistema operacional do Google, presente na maioria dos smartphones e tablets

**APLICATIVO:** Calculadora financeira

**PREÇO:** R\$ 8,76

**DESCRIÇÃO:** O aplicativo é um emulador da calculadora da HP. Entre as funções estão disponíveis o valor do dinheiro no tempo, análise de fluxo de caixa, títulos, depreciação, empréstimo de cálculo dos pagamentos, entre outros

**APLICATIVO:** Controle Financeiro

**PREÇO:** gratuito

**DESCRIÇÃO:** Permite controlar receitas e despesas pessoais. Usuários comentam a falta de relatório descritivo

**APLICATIVO:** Finanças Pessoais

**PREÇO:** gratuito

**DESCRIÇÃO:** O aplicativo permite que o usuário possa controlar finanças de maneira prática e intuitiva

**APLICATIVO:** Uol Cotações

**PREÇO:** gratuito

**DESCRIÇÃO:** Disponibiliza as variações das principais Bolsas de Valores do mundo, cotações e conversão de moedas

**APLICATIVO:** BM&FBovespa

**PREÇO:** gratuito

**DESCRIÇÃO:** O usuário pode acompanhar todas as cotações e notícias dos mercados BM&FBOVESPA



## iOS

Sistema operacional presente nos aparelhos da Apple

**APLICATIVO:** iBovespa

**PREÇO:** US\$ 1,99

**Descrição:** Permite acompanhar performances dos investimentos, com relatórios atualizados e visualização por lote, facilitando uma tomada de decisões mais acertada sobre compra ou venda de ações

**APLICATIVO:** M-Stocks App

**PREÇO:** gratuito

**Descrição:** Disponibiliza informações dos índices Nasdaq, Dow Jones, Ibovespa, IDX, FTSE, IBEX, Nikkei, entre outros

**APLICATIVO:** QFinance

**PREÇO:** gratuito

**Descrição:** Disponibiliza informações do Yahoo Finanças sobre preços e notícias do mercado financeiro

**APLICATIVO:** Calculadora Financeira 12C (para iPad)

**PREÇO:** US\$ 5,99

**Descrição:** Oferece os mesmos recursos da calculadora HP com um melhor desempenho e mais funções

**APLICATIVO:** StockWatch – Portifólio Tracking & Stock Market Quotes

**PREÇO:** US\$ 0,99

**Descrição:** Com mais de 50 intercâmbios apoiados, o aplicativo permite uma melhor visão dos investimentos em um ambiente intuitivo



## BlackBerry

Grande parte dos aplicativos para controle financeiro e investimentos disponíveis para os usuários BlackBerry é internacional. Confira a lista dos mais populares:

**APLICATIVO:** Money Menttor Free

**PREÇO:** gratuito

**DESCRIÇÃO:** Gerenciador de gastos. Permite que o usuário controle as finanças de forma personalizada, de acordo com o perfil

**APLICATIVO:** Money for BlackBerry

**PREÇO:** US\$ 9,99

**DESCRIÇÃO:** Permite ao usuário controlar as finanças de forma móvel e depois exportar para o seu gerenciador de despesas favorito

**APLICATIVO:** Reuters Inside

**PREÇO:** gratuito

**DESCRIÇÃO:** Informações sobre Bolsas de investimento em todo o mundo, de acordo com o perfil selecionado pelo usuário

**APLICATIVO:** Bloomberg Mobile

**PREÇO:** gratuito

**DESCRIÇÃO:** Permite consultar informações sobre cotações de ações, descrições de empresas, líderes de mercados, gráficos de preços, análises de tendências de mercado, lista personalizada de ações, entre outros



## O conhecimento em alguns cliques

Num mercado financeiro competitivo, mais do que buscar profissionais altamente capacitados, as empresas procuram capacitar seus times sempre, aumentando sua performance e melhorando seus resultados. Contudo, este cenário não permite que se perca tempo ou que se comprometa a produtividade.

É neste cenário que nasce a Certi Training, uma empresa de capacitação e treinamento que desenvolve soluções

simples, práticas e eficazes para treinar e certificar equipes inteiras, de modo *on-line*, sem paralisar e nem deslocar seu pessoal, ganhando em agilidade e custo.

Somando tecnologia atual e equipe formada por profissionais do mercado, a Certi Training oferece conteúdo com a linguagem que a sua equipe conhece e o mercado exige, com a velocidade que a sua empresa precisa.

Venha nos conhecer!

[www.certitraining.com.br](http://www.certitraining.com.br)



**certi·training**  
CAPACITAÇÃO & TREINAMENTO



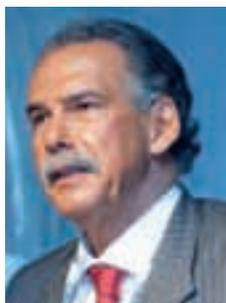
**JÁ DISPONÍVEL**

Treinamento: Capacitação para  
Certificação de ACREFI / IHEPAD

Informações: [contato@certitraining.com.br](mailto:contato@certitraining.com.br)



# Os recentes desdobramentos da crise internacional



**Por Carlos Thadeu de Freitas Gomes e Marianne Lorena Hanson**

Apesar de ter fundamentos próximos à situação vivida pelos Estados Unidos em 2008, a crise da zona do euro é mais complexa e mais difícil de solucionar. É uma crise de dívida soberana que também gera instabilidade financeira, com as particularidades da união monetária que restringem a capacidade de enfrentamento. Sem perspectivas de retomada do equilíbrio fiscal, as dúvidas em relação à sustentabilidade das dívidas elevaram a percepção de risco em relação aos títulos soberanos. Esses, até então, eram considerados ativos livres de risco. O aumento da percepção de risco soberano dos países euro-

peus afeta as condições de funding dos bancos. E leva a um enfraquecimento dos resultados dos balanços dessas instituições, que possuem grande exposição a títulos soberanos.

Nos Estados Unidos, a situação não é mais animadora. Os dados mais recentes confirmam uma atividade econômica fraca. Assim como os europeus, os norte-americanos estão com pouca munição fiscal e monetária. Apesar do problema fiscal norte-americano não ser tão grave quanto o europeu – devido ao país ter autonomia sobre sua moeda e pela ainda forte hegemonia do dólar sobre as demais divisas –, o cenário de grande

incerteza e de disputa política pelo qual essa nação atravessa impede o consenso sobre quais políticas seguir. O desemprego elevado continua sendo a principal questão econômica, pois, diante de um mercado externo com baixo crescimento, a falta de dinamismo do consumidor impede uma recuperação robusta.

Sem muitas opções fáceis, os Estados Unidos também enfrentarão um longo processo de redução de passivos. Novas injeções de liquidez do Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) são aguardadas. Além de manter os preços dos ativos inflados (principalmente os títulos soberanos), as operações quantitativas atuam também sobre o câmbio, muito embora as incertezas em relação ao euro atuem na direção contrária. Mais tentativas de protecionismo comercial devem surgir, muito embora não devam garantir mais empregos, e agradarão aos eleitores.

Talvez as notícias externas mais importantes para o Brasil são aquelas relacionadas à China. É crescente a preocupação com o tamanho da desaceleração da economia do gigante asiático. O Brasil está muito ligado à China, pois são economias que se complementam. A demanda dos chineses por nossos produtos primários tem mantido nossos termos de troca favoráveis, permitindo um real forte e um financiamento externo fácil para os déficits das transações correntes.

A China enfrenta problemas em seu mercado de crédito, que cresce rápido demais, assim como o segmento imobiliário. O país também tenta conter a alta da inflação. A retirada dos estímulos monetários necessários à manutenção da estabilidade de seu sistema financeiro certamente trará impactos para a atividade econômica. No curto e médio prazo, no entanto, a China possui margem de manobra para reaquecer a economia, uma vez que possui uma elevada taxa de poupança, além de montantes expressivos de reservas cambiais.

A inflação também é uma questão importante para o Brasil no curto e médio prazo. Embora o governo tenha aproveitado o cenário externo para reduzir as taxas de juros brasileiras em níveis mais próximos das praticadas por seus pares, o País deverá conviver com taxas de inflação acima da meta por algum tempo. Mesmo com a desaceleração econômica já em curso, os índices de preços têm surpreendido, apontando uma inflação acima do esperado. A inflação de serviços é mais preocupante, pois possui

## Nesse cenário de pressões inflacionárias crescentes é importante uma política de contração fiscal

uma inércia maior, além de estar diretamente ligada ao mercado de trabalho ainda muito forte.

Nesse cenário de pressões inflacionárias crescentes, somadas a uma lenta desaceleração da atividade econômica, é importante uma política de contração fiscal. Em face de uma forte arrecadação de tributos e impostos, o governo não tem ampliado gastos na mesma proporção. Esse compromisso é positivo e foi levado em conta na decisão do Comitê de Política Monetária (Copom). No entanto, no próximo ano, o reajuste do salário mínimo por si só causará grande impacto nas contas públicas. Além disso, a receita também deverá sofrer desaceleração. Desse modo, será necessária uma forte disciplina fiscal. Caso contrário, encerrado esse cenário externo, a política monetária deverá ser restritiva novamente. ■

**CARLOS THADEU DE FREITAS GOMES**  
É ECONOMISTA-CHEFE DA CONFEDERAÇÃO  
NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E  
TURISMO (CNC)  
**MARIANNE LORENA HANSON**  
É ECONOMISTA DA CNC

Foto: Divulgação/Artigo enviado em novembro

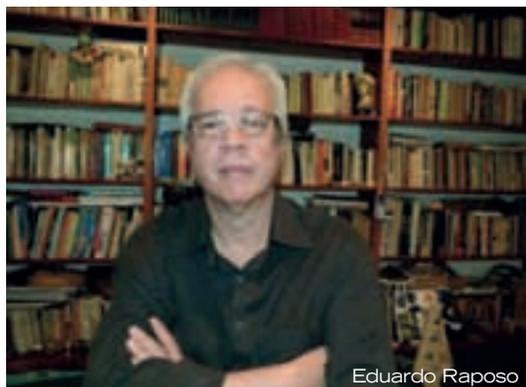


Por Giseli Cabrini

# Segredos da caixa-forte

Cientista político Eduardo Raposo lança  
“Banco Central do Brasil: o Leviatã Ibérico  
– Uma Interpretação do Brasil Contemporâneo”

**Uma análise do Brasil a partir da análise do Banco Central e de sua história. No livro “Banco Central do Brasil: o Leviatã Ibérico – Uma Interpretação do Brasil Contemporâneo”, o cientista político Eduardo Raposo** responde a uma série de indagações da sociedade brasileira sobre uma instituição que ocupa as



páginas dos noticiários há muitos anos. Sem correspondente no mercado editorial brasileiro, a publicação, editada em parceria pelas Editoras Hucitec e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio),

não trata propriamente das atividades econômicas dessa instituição financeira – responsável pela saúde da moeda nacional – em sentido estrito, mas de sua dimensão política.

A obra apresenta a pré-história do BC, desde a fundação do Banco do Brasil, em 1808, que passou a desempenhar funções de controle da atividade monetária, passando pela criação da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), instituída por decreto-lei de fevereiro de 1945. E abrange até a criação do Banco Central do Brasil no governo de Castelo Branco e sua reformulação no contexto da criação do Plano Real nos mandatos de Itamar Franco e de Fernando Henrique Cardoso.

Raposo defende a tese de que a estabilidade da moeda depende, para além do equilíbrio das contas públicas e da autonomia do Banco Central, da solidez política e institucional da própria instituição financeira. Para fazer esse mapeamento das

visões e impasses da instituição, traçados ao longo do livro, o autor realizou inúmeras pesquisas e entrevistas com ex-presidentes do BC, como Fernão Bracher, Ibrahim Eris, Gustavo Franco, Francisco Gros, entre outros. Confira a entrevista, na íntegra.

**Revista Financeiro** Em primeiro lugar, explique o título do livro “Banco Central do Brasil: o Leviatã Ibérico – Uma Interpretação do Brasil Contemporâneo”. Há alguma relação com a obra “Leviatã”, de Thomas Hobbes?

**Eduardo Raposo** A expressão Leviatã Ibérico, que dá título ao livro, tem um sentido paradoxal que nos remete à formação das instituições públicas brasileiras. Leviatã, como a metáfora utilizada por Thomas Hobbes (filósofo inglês do século 17), se refere às sociedades que se organizaram politicamente a partir de um pacto que transferiu atribuições e compromissos dos indivíduos para o Estado, fazendo-o responsável pela

ordem pública. Por sua vez, o termo ibérico, relativo a Portugal e Espanha, nos remete a um tipo bem diverso de formação institucional. As nações da Europa continental do ocidente impuseram a seus regimes compromissos compatíveis com as forças sociais que surgiam no processo de constituição de seus Estados nacionais. Por sua vez, no mundo ibérico, o Estado político permaneceu soberano, sem ser ameaçado, com sucesso, por nenhuma outra meta social ou econômica. Assim, esse "iberismo" latino-americano, por herança, esgota parte substancial de suas forças e de seus recursos na tarefa da dominação pura. E deixa, em segundo plano, objetivos ligados à agenda da modernidade, tais como desenvolvimento econômico, justiça social e democracia política. Não que se trate de um destino inexorável, mas o fato é que a América Latina convive com a modernidade de maneira contraditória e peculiar, tendo constituído sua identidade em meio a tradições paradoxais. Foi dentro dessa cultura híbrida que tanto a Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc) quanto o Banco Central do Brasil (BCB) se formaram. Apesar de serem portadoras de uma racionalidade econômica, legal e contratual e de lutarem por suas autonomias e liberdades operacionais, essas instituições não poderiam deixar de compartilhar das tradições hierárquicas, corporativas e patrimoniais que também fazem parte da formação social e institucional brasileira.

**Financeiro** Na sua opinião, os brasileiros sabem exatamente a dimensão que as decisões do Banco Central têm sobre o orçamento pessoal e familiar de cada cidadão?

**Raposo** Muito vagamente. Na maioria das vezes, o entendimento das funções dessa instituição permanece obscuro e de difícil compreensão, embora ela, de fato, interfira em temas importantes para a vida do cidadão comum, como controle da inflação, crescimento econômico e taxas de desemprego.

**Financeiro** Que nota daria para a atuação do Banco Central do Brasil desde sua criação?

**Raposo** Acho que o BCB merece nota dez por ter participado, centralmente, do processo de re-

cuperação do valor de compra da moeda nacional.

**Financeiro** De que forma avalia a política de juros brasileira? A taxa básica elevada é mesmo um mal necessário? Que outros mecanismos alternativos poderiam ser usados para driblar a inflação e atrair o capital externo?

**Raposo** As taxas de juros no Brasil são altíssimas. As políticas fiscal e cambial associadas à monetária poderiam criar um melhor ambiente e favorecer a diminuição das taxas de juros.

**Financeiro** Na sua avaliação, quais foram as medidas mais acertadas adotadas até os dias atuais pela autoridade monetária? E as mais polêmicas?



#### **Autonomia**

Banco Central brasileiro tem sido afetado, historicamente, pelas preferências das políticas econômicas adotadas por diferentes governos



**Raposo** O congelamento de preços e confisco das contas bancárias realizados, respectivamente, nos governos Sarney e Collor de Mello se mostraram ineficientes. Porém esses equívocos iniciais ajudaram no aperfeiçoamento do Plano Real, colocado em prática nos governos Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, que finalmente combateu com sucesso a inflação.

**Financeiro** De acordo com sua visão, o Banco Central evoluiu ao longo dos anos? Por quê?

**Raposo** É preciso notar que durante os períodos de governos desenvolvimentistas predominou o poder imperativo do Executivo envolvido com políticas de crescimento acelerado. Isso resultou na submissão da autoridade monetária às metas econômicas. Nos períodos de inflação alta e de fragilidade fiscal do estado, o foco da política econômica se direcionou para a estabilização monetária e a tendência foi de uma maior autonomia para o BC. Basicamente, a instituição participou da construção da modernidade brasileira, ora a serviço do fomento industrial, ora da estabilidade da moeda, em momentos marcados tanto pela força do Estado quanto do mercado.

**Financeiro** Em sua opinião, quais as diferenças de gestão entre Alexandre Tombini e seu antecessor Henrique Meirelles?

**Raposo** Cada momento apresenta dificuldades específicas para o Banco Central. O atual contexto da crise internacional ameaça os diferentes países do mundo com o desaquiecimento de suas economias. A resposta da instituição foi a diminuição das taxas de juros para estimular nossa economia e evitar o contágio.

**Financeiro** Sua tese prevê que a estabilidade da moeda depende da solidez política e institucional do próprio Banco Central. As condições atuais da política econômica brasileira são favoráveis a isso?

**Raposo** De fato, a estabilidade da moeda nacional depende do equilíbrio político e institucional da própria autoridade monetária. Um Banco Central mais estável sob os aspectos – político e institucional – expressaria uma situação de maior proteção. E estaria, por consequência, mais capacitado para promover e adotar as políticas consideradas necessárias ao combate da inflação. O que procurei demonstrar é que a autonomia do Banco Central brasileiro tem sido afetada, historicamente, pelas preferências das políticas econômicas adotadas por diferentes governos (desenvolvimentistas ou estabilizadores) e pelo grau de apoio político que cada administração concedeu às autoridades monetárias. Quando não houve a conjugação

desses dois fatores (administração estabilizadora e apoio político), o Banco Central tendeu a se subordinar às orientações do governo. Desse modo, acreditamos que não é a autonomia em si que propicia a estabilidade monetária, mas que ela tem sido o resultado desses dois fatores. Mais recentemente, durante o governo Luiz Inácio Lula da Silva, a autonomia de fato do Banco Central se manteve mesmo no segundo mandato que teve características desenvolvimentistas mais marcantes. Acredito que, em países que ainda estão consolidando seus arranjos institucionais (como é o caso do Brasil), uma condição necessária para que o Banco Central seja autônomo é esse apoio político garantido pelo governo. Sem isso, a autonomia mostra-se extremamente frágil.

**Financeiro** Comparando a atuação do Banco Central brasileiro com o de outros países, quais são os pontos fortes e fracos?

**Raposo** Os diferentes países do mundo contemporâneo foram atingidos pela crise iniciada no ano de 2008 de maneira diferente. Nos Estados Unidos, um grande problema é o crédito que foi expandido, artificialmente. Os países da zona do euro, por sua vez, enfrentam dificuldades inerentes aos desajustes fiscais de nações como a Grécia. No Brasil, o ponto forte é a experiência que o Banco Central adquiriu ao enfrentar os difíceis anos das crises internacionais dos anos 1990 e ter conseguido estabilizar a moeda nacional. ■

**Em palavras**  
Obra aborda a história da autoridade monetária brasileira em diferentes governos



A large, stylized graphic of headphones in a vibrant red color, centered on the page. The text 'Rádio Acrefi' is superimposed on the earcups of the headphones.

# Rádio Acrefi

**Fique ligado.**  
**[www.acrefi.org.br](http://www.acrefi.org.br)**



# O mercado de crédito brasileiro em 2011 e perspectivas para 2012



**INEPAD**  
INSTITUTO DE ENSINO  
E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO

O crescimento da economia está estreitamente ligado à expansão do volume de crédito concedido. Nota-se no gráfico 1, que em agosto de 2011, obteve-se o recorde de concessão total de crédito dos últimos dez anos. O volume total de crédito, nesse mês, apresentou aumento de 14,7% em relação a agosto de 2010, e uma expansão acumulada de 185,87% quando comparado a agosto de 2001, período inicial da análise.

O volume de crédito para pessoas físicas também apresenta uma ascensão nos últimos anos e obteve, em setembro 2011, aumento de 7,97% em relação a igual mês de 2010. Em relação a setembro de 2001, o avanço foi de 267%. Tais dados podem ser verificados no gráfico 2 a seguir.

A concessão de crédito também cresceu para as pessoas jurídicas.

No entanto, o aumento foi menor do que a concessão total e a pessoas físicas. O crescimento do volume de crédito para pessoas jurídicas, em setembro de 2010, foi de 5,41% em relação a igual mês de 2011. E de 157,75% ante setembro de 2001. Os dados podem ser verificados no gráfico 3 a seguir.

Dentro da concessão de crédito para pessoas físicas em 2011, podemos ver pela tabela 1 que algumas linhas se destacaram: cheque especial com aumento de 13,19% em relação a 2010 e o cartão de crédito, com crescimento de 9,19%, ante 2010. O avanço dessas linhas em relação a 2001 foi de, respectivamente, 113,34% e 1905,63%.

Dentro da concessão de crédito para pessoas jurídicas em 2011, podemos ver pela tabela 2 que as linhas que obtiveram maior destaque foram: hot money, com aumento de 34,78% em relação a 2010 e o

## Por prof. dr. Alberto Borges Matias

com colaboração de Julio Godoy

TABELA 1

Taxa de crescimento das linhas de crédito para pessoas físicas		
Período/ linha de crédito	Set. 2011 / Set. 2010	Set. 2011 / Set. 2001
Cheque especial	13,19%	113,34%
Crédito pessoal	7,12%	447,57%
Financiamento imobiliário	-20,55%	2198,11%
Aquisição de veículos	-5,30%	537,55%
Outros bens	2,23%	128,45%
Cartão de crédito	9,19%	1905,63%

TABELA 2

Taxa de crescimento das linhas de crédito para pessoas jurídicas		
Período/Linha de crédito	Set. 2011 / Set. 2010	Set. 2011 / Set. 2001
Hot money	34,78%	-57,72%
Desconto de duplicatas	7,98%	194,00%
Capital de giro	0,79%	417,26%
Conta garantida	5,63%	169,06%
Financiamento imobiliário	247,58%	577,89%

TABELA 4

Comportamento nos últimos 36 meses				
	Set. 08/ Set. 09	Set. 09/ Set. 10	Set. 10/Set. 11	Total 08/10
Crédito – Pessoa Jurídica	-11,31%	7,37%	5,41%	0,38%
Crédito – Pessoa Física	7,93%	23,61%	7,97%	14,41%

TABELA 3

Comportamento nos últimos 36 meses				
	Set. 08/ Set. 09	Set. 09/ Set. 10	Set. 10/ Set. 11	Total 08/10
<b>Crédito total</b>	<b>-5,13%</b>	<b>13,31%</b>	<b>6,43%</b>	<b>14,41%</b>

financiamento imobiliário, com crescimento de 247,58%, ante o ano passado. A variação percentual dessas linhas em relação a 2001 foi de, respectivamente, queda de 57,72% e aumento de 577,89%.

O comportamento da concessão de crédito no Brasil pode ser analisado na tabela 3. Nos últimos 36 meses, houve evolução de 14,41%. Nesse mesmo período, ao analisar a variação semestral, há perspectiva de contínuo crescimento, mesmo que em taxas pouco menores, nos próximos meses em 2012. O percentual de crédito sobre o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro ainda encontra-se abaixo do parâmetro de países mais desenvolvidos e por isso tem espaço para se expandir.

Ao olhar para o comportamento da concessão de crédito separada em pessoa física e jurídica, o crescimento total dos últimos 36 meses foi de, respectivamente, 0,38% e 14,41%.

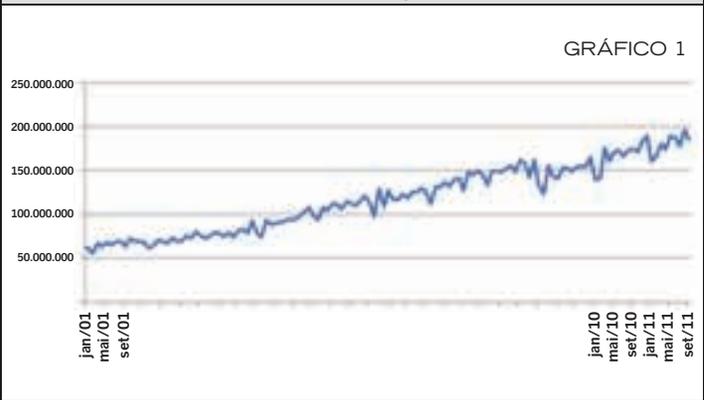
Nesse mesmo período, se analisarmos a variação semestral, é possível fazer projeções de contínuo crescimento nas concessões, mesmo que em taxa menores, para os próximos meses em 2012. Os dados podem ser verificados na tabela 4 a seguir.

O aumento do volume geral de concessão de crédito deve ser visto positivamente pela economia, pois exerce um impacto positivo sobre o crescimento econômico do País. ■

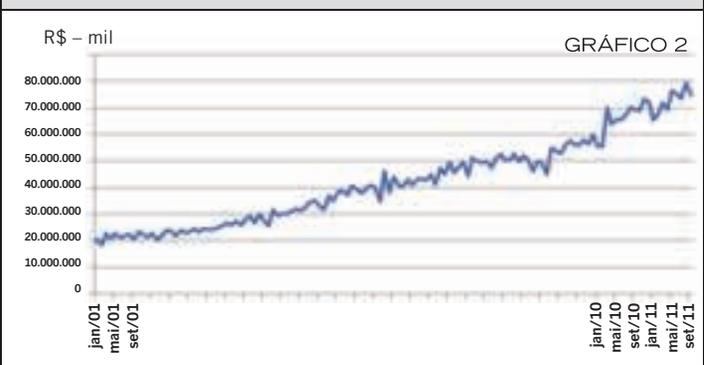
**Prof. dr. Alberto Borges Matias**

É PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO DA FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO NO CAMPUS DE RIBEIRÃO PRETO E DIRETOR DO INEPAD  
PATRICIA BALACHI  
É ANALISTA FINANCEIRA DO INEPAD

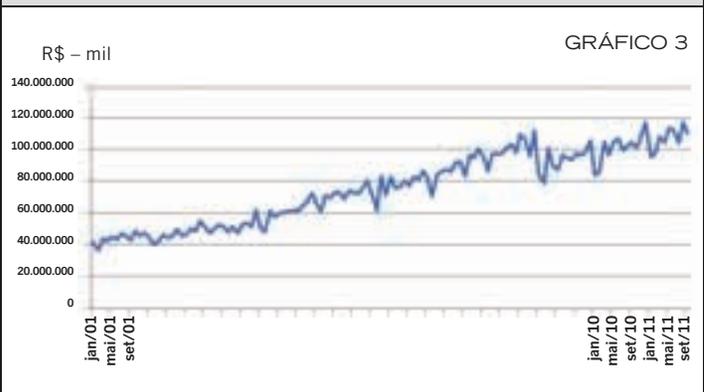
**Concessão total (PF e PJ) de crédito (milhares R\$)**



**Concessão total de crédito - PF**



**Concessão total de crédito - PJ**



# Formação de expectativas versus crescimento



Por Nicola Tingas

Atualmente, em meio à crise global, o Brasil é considerado um abrigo seguro. De fato, nosso risco soberano é o menor em muitas décadas. Nosso mercado interno está em plena expansão e oferece oportunidades. Nosso solo, campos, montanhas, rios e mar oferecem riquezas sem fim. E mais. Temos nos desenvolvido em todas as direções empresariais e sociais. Contudo, mesmo assim, é preciso cautela.

Sabemos que há risco. Mas nosso otimismo arquetípico provoca uma sensação de vitória, mesmo diante da derrota. O fato é que não estamos imunes à desaceleração da economia global e da destruição de riqueza resultante da crise do euro, precedida pelas perdas da crise do subprime nos Estados Unidos. Temos algum grau de contágio, ainda que reduzido. Contudo, a desaceleração econômica global e agora também local recoloca em evidência o debate central brasileiro por décadas, tema esse vital para qualquer outro país: como fazer a economia crescer?

Na economia política sempre haverá debate e divergência, seja sobre diagnósticos da economia e ou sobre as soluções propostas. Assim será com relação a 2012. Há os que advogam a continuidade da economia política nacional-desenvolvimentista, como os atuais “policy-makers” (formuladores de política econômica) brasileiros; incluída nesse grupo a economista e presidente de República, Dilma Rousseff.

Por outro lado, outros apontam a transição incompleta da economia brasileira. Nesse caso há necessidade de uma visão ampla e consistente do longo prazo. Ou seja, abrir mão de alguns objetivos por outros que construam uma condição de crescimento econômico amplo e sustentável no longo prazo.

Assim, diria alguém que Keynes estava certo. “Se no longo prazo estaremos todos mortos” é pre-

ciso haver resultados em prazo mais curto. O centro da questão é como conciliar políticas de curto prazo com medidas que irão ampliar o investimento e a produtividade da economia no médio e longo prazo.

Sem isso, o crescimento econômico passa a ser episódico e sem sustentação. Isso significa desempenho aquém das necessidades sociais, econômicas e da agenda de investimento do País para o futuro.

O governo tem consciência desse cenário e começou a agir em novembro na busca da reversão. O risco central é uma onda de ajuste operacional nas empresas “para baixo” na tentativa de se adequar a um cenário de menor expansão econômica. Isso resulta em aumento do desemprego, na queda do consumo e risco de aumento da inadimplência.

Portanto a expectativa empresarial e a do consumidor precisa ser revertida. O início de 2012 é crucial para potencializar uma recuperação do crescimento econômico no segundo semestre, em uma escala de maior ou menor intensidade. A estimativa para 2012 é de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,5%, já considerada a ação procíclica do governo para tentar maximizar esse crescimento.

Contudo, no início de 2012, o cenário é diferente. O forte crescimento da inadimplência em 2011 revelou o efeito da inflação maior daquele ano na redução da renda real das famílias. Afora isso, foi confirmado que o novo consumidor das classes C, D e E alavancou o consumo com base na ampla utilização de crédito de forma inadequada e arriscada. Teremos de acompanhar este início de ano para ter melhores indicadores sobre o padrão de comportamento da economia para 2012. ■

**NICOLA TINGAS**

É ECONOMISTA-CHEFE DA ACREFI

RESERVE  
ESTA DATA!

# 7º SIAC

Seminário Internacional Acrefi  
17 de outubro de 2012  
Renaissance São Paulo Hotel

A economia brasileira  
e mundial em foco

Realização



Patrocínio Master



Apoio



Você sabe quem está por trás  
do movimento do mercado?

Milhões de pessoas, incluindo você, são beneficiadas todos os dias pelos produtos e serviços da Cetip, como processamento de TEDs, liquidação de DOCs, registros de Gravame, CDBs e títulos de renda fixa. Empresa integradora do mercado financeiro, a Cetip proporciona liquidez, segurança e transparência para as operações financeiras, contribuindo para o desenvolvimento sustentável da sociedade brasileira.

[cetip.com.br](http://cetip.com.br)



Cetip. Segurança que move o mercado.